



Joseph George Louviseau.

JOSÉ JORGE LOUREIRO

PARTE PRIMEIRA

(1791 a 1814)

I

É a biographia para a historia o que para a architectura é a estatuaria.

Na historia, como na architectura, incarna o sentimento de uma época. O biographo, como o esculptor, lavra as feições de um individuo. Achareis ali o edificio, aqui a figura; ali o producto, aqui o motor; ali os acontecimentos, aqui os caracteres; ali a obra, aqui o obreiro; ali a humanidade, aqui o homem.

Entre a estatuaria e a architectura ha a dependencia que se dá entre a parte e o todo. Entre a biographia e a historia ha a relação que se admira entre o germe e a planta. D'esta condicção fundamental resulta a logica de concordancia, a necessidade de harmonia, o ar de parentesco e de familia, que une a estatuaria á architectura, que liga a biographia á historia.

Estatua e templo sam idéas associadas. Germe e planta sam idéas conjunctas. Se contemplaes a estatua, logo mentalmente lhe assentaes em roda os plinthos, e aprumaes os fustes, e enfloraes os capiteis, e plantaes a architrave, e correis o frizo, e arqueaes a abobada. Se vedes lançar á terra a semente, logo a phantasiaes abrolhando, rompendo o sólo, espigando, bracejando, florindo, fructificando, horto ou ceara, mata ou pomar.

Assim, n'uma e n'outra arte, como o todo comprehende a parte, a parte conduz ao todo. Assim, n'uma e n'outra sciencia,

como o resultado reproduz o principio, o principio prepara o resultado. Por isso andam tam a par e tam irmans, que muitas vezes vem a confundir-se. Confundem-se a biographia e a historia quando os biographados, instrumentos de uma revolução, representantes de um seculo, tem por nome Cesar, Karl, ou Napoleão. Confunde-se com a historia a biographia quando o historiador se chama Suetonio, ou o biographo Plutharcho.

Na linha fronteira d'estas duas provincias estam os personagens e estam os chronistas. Às vezes o vulto dos primeiros não cabe dentro da raia. Às vezes os segundos tronspoem-n'a dobrando o passo.

Acontece que a humanidade toma a voz de um homem. Acontece com facil inadvertencia passar-se do homem á humanidade.

Comprehende-se que nem sempre se distinguam. Desapparece frequentemente a distancia entre o effeito e a causa, entre a consequencia e a origem, entre o que parece minimo e o que parece maximo, se os olhos, alongando-se aos évos, seguem o fio das civilisaçoens successivas, dos imperios alternados, dos cyclos providenciaes, e das sociedades em progressão; se a meditação contempla, um apoz outro, o mundo romano sahindo de uma choça, e o mundo christão sahindo de um estabulo.

N'esta immensa cadeia, que váe do inicio á emancipação, do ponto á immensidade, do finito ao infinito, a historia de cada um dos anneis é também em certo modo a historia do todo: tem as analogias de uma rasão commum, como a parcella e a somma.

II

Por que a biographia participa da historia, incumbe-lhe a mesma inteiresa na investigação, a mesma probidade na phrase, a mesma austera equidade nos juizos.

Por desgraça, a paixão partidaria esquece com frequencia estes preceitos. Entre o panegyrico levado á hyperbole e a diatribe levada á violencia quasi não ha meio termo. Uma biographia é muita vez um pretexto. As côres sam preparadas na palheta das facçoens.

Tal ha a que poem, como a Jano, duas faces: n'uma o ideal da formosura; na outra o horror da hediondez. E o heroe não tem nenhuma d'essas.

Não sam rostos, sam mascaras. Sam as mascaras da politica, o eterno carnaval. Quando a posteridade visitar a galeria, achará, em vez de retratos, caricaturas; contemplará as caricaturas de-

senhadas pelo odio ou pela adulação, pela calumnia ou pela complacencia, pela prevenção ou pela parceria.

Mais que todas correm estes riscos as biographias dos vivos. Eu traço hoje os primeiros lineamentos biographicos de um morto.

Levanta-se para este a justiça da posteridade. Não pôde já ter influencia nem accção; não ha que esperar nem temer d'elle. Adormeceram-lhe aos pés as paixões. Esfriaram-lhe as cinzas na sombra da campa. Do que é da terra e da vida já nada lhe chega. A imparcialidade nem pôde molestal-o, nem commovel-o.

A imparcialidade é pois racional e possível: é mais, é superior ás suspeições.

A condição essencial e necessaria pôde ser prehenchida sem prejudicar nenhuns interesses, sem affrontar nenhuma rivalidades.

III

Verdade é que este morto passava ha pouco entre nós. Deixou affectos, deixou saudades...

Deixou. Que tem? Que influe? Aos homens de quem não fica memoria, não se levantam semelhantes padroens. Como os ha de merecer:

Quel che non lascia hereditá d'affetti?

Esses affectos, essas saudades sam os attestados da sua valia. A sympathia, que se inclina sobre um tumulo, não é para equivocar-se com parcialidades. Pode ser reverencia, mas não cegueira. Não ha cegueiras quando a claridade, que alumia os actos e os homens, é já luz da eternidade.

O mundo conheceu e acatou as virtudes publicas de militar e do cidadão. Eu conheci e venerei o homem na intimidade de uma convivencia familiar e quotidianna, onde o character mais se revella, onde mais se abre o coração, onde a alma emfim se desnuda.

Havia n'essa convivencia licção e exemplo, licção de modestia, exemplo de rectidão. Guardo as recordaçõens d'ella como um depósito sagrado. Para mim é esta escripta uma derradeira consolação, uma justa homenagem, um pio dever.

A mão, que hoje guia a penna, apertava hontem aquella mão, que já se não move. Era essa a mão de um homem integro e leal como poucos. Hei de lembrar-me sempre. Para o futuro e geral incentivo é bom que fique lembrado.

IV

O general José Jorge Loureiro, marechal de campo dos exer-

citos portuguezes, ministro d'estado honorário, conselheiro de estado effectivo, gentil-homem da real câmara, primeiro ajudante de campo d'el-rei, ex-deputado, cavalleiro, official e commendador da ordem da Torre e Espada, gram-cruz da ordem de Leopoldo da Belgica, condecorado com a ordem da Corôa de Ferro do imperio d'Austria, e com a cruz hispanhola de Albuhera, nasceu na capital aos 23 de Abril de 1791, de uma honrada familia, que aos bens da fortuna, adquiridos no tracto do commercio, reunia outro mais precioso, um nome respeitavel e respeitado. Foram seus paes os srs. Domingos Gomes Loureiro, acreditado negociante da praça de Lisboa, e D. Anna Isabel Joaquina de Loureiro, filha de outro negociante.

Abriu os olhos o general com a aurora sanguinea em que alvorecia, entre nuvens, a moderna constituição social. Das longas resistencias do possado triumphava por fim a idéa fecunda do presente. Desmoronava-se um mundo, remodelava-se outro.

Entre os ruidos e as commoçoens da immensa queda e da immensa obra, ensaiou José Jorge Loureiro a voz e os passos. Acalentava-o no regaço materno o ecco das procellas revolucionarias. As auras matutinas da liberdade, agitadas da tormenta, vinham de longe bafejar no berço o que havia de ser um dos mais strenuos e prestantes soldados d'ella!

Estava-se na crise melindrosa e terrivel, que a elaboração dos tempos e a fermentação das intelligencias trazia preparada. Repetidos annuncios a tinham vaticinado. Longos estremecimentos a haviam precedido. A revolução, nova Pallas, não sahira armada de cabeça paterna, sem que o seculo, Jupiter novissimo, gemesse as dores do parto monstruoso.

Fôra com effeito uma singular successão de inesperadas concepçoens e de brados afflictivos a segunda metade d'esse seculo xviii, que viu successivamente em França o nascimento da Encyclopedia, as turbaçoens da Bretanha, a agitação dos parlamentos provincianos, a emancipação dos servos nas terras dominiaes, e o relatorio de Necker, tremenda revelação; — que viu na Europa o desmembramento da Polonia e a suppressão dos jesuitas — que viu na America a insurreição das colonias britannicas, a abertura do primeiro congresso popular, e a proclamação de independencia dos Estados-Unidos — que viu emfim as sublevaçoes precursoras correrem as capitaes, convulsionarem as naçoens, passarem de Copenhague a Stockolm e inflammarem a Hollanda.

É 1731 uma data memoravel. Havia dez annos que as communas de Paris tinham incendiado as barreiras, tomado a bastilha, dispersado no chão as robustas ameias e as grossas qua-

drellas dos seus bastioens. Um impeto de colera da grande metropole bastára para despegar do cimento, que parecia eterno, este solido stygma de pedra, com que a realesa, escoltada do terror das edades, lhe marcára a fronte em signal de captiveiro.

Começavam os povos a medir as suas forças. O vulcão francez continuava em erupção. N'estes dez annos as iniquidades do antigo regime tinham ido uma a uma cahindo na vóragem. Surgira a assembléa nacional. Uma noite abysmára para sempre os privilegios, por que tantos ainda hoje suspiram e conspiram em segredo, luctando contra a rasão e contra a natureza.

N'essa noite justamente se transformou a sociedade, começando a girar em novas rodas, que os progressos ultteriores teem justificado.

Estava tam feita a luz, era tal a evidencia nos espiritos, por consequencia tam inevitavel a entrada da idéa no domínio dos factos, que uma sessão, — uma só! — chegára para estabelecer a egualdade do imposto, e para decretar a abolição dos direitos feudaes, para proscrever as justiças senhoriaes, e a venalidade dos officios. Seguirá-se a liberdade das opinioens. Seguirá-se a instituição da imprensa. Rematára-se o periodo assumindo a nação o direito de celebrar a paz e declarar a guerra.

N'esta década laboriosa andára o mundo um largo estadio. Ainda todavia não estavam cheios os destinos.

Era 1791 apenas a vespera d'aquelle ousado 1792, que transformou a Legislação em Convenção, e chamou um monarcha á barra de um povo, para destruir a ultima prevenção, e solememente confirmar á face da Europa, repetindo o exemplo de Carlos I, o principio frequentemente esquecido — que um rei é um homem, e todo o homem é responsavel.

V

Coincidira a infancia do general Loureiro com os successos mais graves do seculo anterior. A idade viril desenvolveu-se-lhe com os mais importantes acontecimentos dos principios do seculo actual.

Os desregramentos da republica vacillanté tinham produzido o imperio. Os esplendores da gloria militar tinham produzido o imperador.

Caminhando, como o archanjo, com uma espada flameante nas mãos, por cima dos thronos e das coróas, que estallavam debaixo dos pés do seu ginete de batalha, Napoleão, o conquistador, era, permitta-se-nos a phrase, a revolução condensada. A

formula diversificava, o principio mantinha-se. Com elle a idéa moderna proseguia, trasbordava, inundava. O guerreiro coroado não era uma exaltação, como parecia; era o symbolo vivo do grande nivellamento. Subindo do estrado popular ás eminencias do solio não estava dizendo a sua mesma pessoa que outro direito supria o dogma fatal da predestinação?

Se o mandato providencial d'estes homens, titaens da historia, apparece qual é aos olhos da posteridade, a sua passagem meteórica, semeando a devastação, perturbando as leis recebidas, excita frequentes e justas indignações. As ambições, de que Deus se serve, sublevam as nacionalidades e inflammam os patriotismos. Apoz o carro triumphal, que o turbilhão de fogo precede, ficam as angústias e as maldicções.

Quando vem os dias adversos, desengano de vaidades, veto divino dos ephemeros designios humanos, a philosophia desentranha das catastrophes a licção, e as gerações, inclinándose sobre o passado, como sobre paginas mortas, fitam-n'o com serena reflexão. Mas, antes d'isso, em quanto as luctas ardem, em quanto as calamidades duram, o espirito e o coração obedecem aos sentimentos da natureza deplorando as ruinas, repellindo as invasões, vingando as injurias.

Em 1807 José Jorge Loureiro, com 16 annos apenas, cursava a Universidade de Coimbra na faculdade de direito. Por este tempo a nova aguia imperial tinha voado com a victoria de Austerlitz a Iena, de Iena a Eylau, de Eylau a Friedland. A Austria recebera os decretos do vencedor em Vienna, a Prussia em Berlin, a Russia em Tilsitt. Napoleão, desaffrontado das principaes potencias da colligação, insistindo no funesto systema continental contra a Inglaterra, a implacavel inimiga triumphante nos mares, fitára os olhos na peninsula iberica, sua visinha. Cegara-o a tal ponto a sequencia das prosperidades, que tudo julgava possivel ao seu genio e á sua audacia.

Era homem: quiz attestal-o o ceu proporcionando a grandesa dos seus erros á vastidão das suas empresas!

A fraquesa dos governos peninsulares, sobre tudo o estado da córte de Madrid, onde era omnipotente um privado tam ambicioso como inhabil, convidava a todos os commettimentos. A presa parecia facil e segura.

O tractado secreto de Fontainebleau, em que se estipulava a occupação de Portugal por um exercito hispano-francez, fôra a consequencia das negociações com o principe da Paz, e o prefacio da entrevista de Bayonna.

Julgou já a historia esses actos. Corramos o veu sobre elles.

As tropas francezas e hispanholas, ao mando superior de Junot, tinham com effeito invadido o reino. A côrte, amargando as suas longas hesitações e ambiguidades, havia-se refugiado no Brasil. Os hospedes, entrando como alliados e amigos, tomaram em breve ares de senhoras, e em poucos mezes, arrojando a mascara, declararam que a visita e a protecção dissimulava a conquista. Ao paiz, que não tinha combatido, fôra imposta uma enorme contribuição de guerra *para resgate das propriedades!*

Respondeu a esta fé punica a nação com um grito unisono de ira e odio. As primeiras humilhações haviam-n'a profundamente ferido nos seus brios. Estes aggravos remataram a offensa. Os descontentamentos subiram a desesperação.

A Hispanha, colhida de subito como Portugal, saccudira o jugo e o povo correra por toda a parte ás armas. Na sua partida do Porto o general hispanhol Bellesta, chamado á patria, tentára restaurar o governo do principe regente. Faltára porém energia ao chefe que deixára. Sem embargo, poucos dias depois, em 19 de Junho de 1808, Bragança levantava o brado da independencia, propagando-se rapidamente o movimento por todo o Norte, até ao Porto.

Quasi ao mesmo tempo, em 18 do mez referido, sem combinação, mas com a unidade do accordo, que andava já em todos os espiritos, a pequena povoação de Olhão dava o signal ás provincias do Sul.

A sublevação popular communicou-se em breve do Porto a Coimbra, onde o destacamento francez foi aprisionado. A mocidade estudiosa, seguindo com enthusiasmo este primeiro impulso, offereceu logo o seu sangue á causa da patria.¹ José Jorge Loureiro tomou immediatamente logar nas fileiras dos seus condiscipulos, tornados seus camaradas, alistando-se como voluntario no corpo academico.

Ali se lhe declarou a vocação, que o havia de levar tam hon-

¹ Um escriptor contemporaneo, que dia a dia observou e contou os acontecimentos, exprime-se nos seguintes termos a respeito dos serviços prestados então por estes generosos mancebos: «Liberta Coimbra, marcharam os mais activos estudantes sobre Figueira, tomaram felizmente a fortaleza, atacaram e aprisionaram toda a guarnição, que era de perto de 80 homens.... Formou-se immediatamente um corpo de academicos, fardados e prompts; foi um dos principaes, que soube sustentar com honra, actividade e desempenho o serviço, e foi o que levou a restauração desde Condeixa até á «Nazareth.» Os subsequentes actos de civica devoção, em que primou este corpo, quando fez parte da divisão do general Trant, acham-se extensamente narrados em relações especiaes escriptas por testemunhas e participes d'elles.

radamente aos primeiros postos do exercito. Attrahiam-n'os as armas com o perigo na occasião em que era preciso movel-as contra um inimigo valoroso e disciplinado!

VI

Voltando a Lisboa quando o exercito britannico, depois da convenção de Cintra, se refazia da primeira campanha, achou o moço estudante aboletado em casa de seus paes o brigadeiro Campbell. Tomou-lhe este singular affeição pelas prendas que já o distinguiam, e tam affectuosa intimidade se estabeleceu entre ambos, que deu azo ao mancebo para confiar ao general os seus desejos, e sollicitar a sua intervenção. Queria elle seguir a carreira militar a que o chamava uma invencivel tendencia. Oppunham-se os designios de seu pae, e ainda mais a apprehensivel ternura de sua mãe e irmans, que estremeciam com a idéa dos riscos inherentes á guerra. Difficultava-se, por um lado, o suspirado consentimento. Pelo outro, os mesmos receios, que fortaleciam a recusa, estavam de continuo careando o animo e estimulando a vontade ao adolescente soldado.

Era com effeito propicia a occasião para um espirito aventureiro e juvenil. A curta campanha, terminada com a batalha do Vimeiro, devia considerar-se o prologo de um longo drama. Quem aspirava a estudar a guerra, e a fazer das armas profissão, difficilmente acharia melhor oportunidade.

Campbell grangeára por sua parte as sympathias dos seus hospedeiros, e os donos da casa mais o reputavam amigo do que aquartellado. Tinha elle a authoridade da jerarchia, a influencia da pessoa, e a recommendação de alliado, poderosa então. Era-lhe sympathica a sollicitação, como se pode presumir. Aos cuidados feminis contrapoz as vantagens, as esperanças, e a perspectiva de tal carreira em tal conjunctura.

Foi efficaz a sua intercessão e as suas instancias triumpharam. O futuro general conseguiu emfim alistar-se no exercito regular, que activamente se reorganisava. Faltavam officiaes. Os voluntarios academicos, em virtude de uma disposição especial, querendo empregar-se no serviço das armas, entravam no posto de alferes.

Poucos dias depois, José Jorge Loureiro era alferes do regimento de infantaria n.º 4.

VII

Como se devia esperar, as aguias francezas, voltaram ao reino. O reino porém estava preparado para a resistencia.

Foi temerosa e porfiada a contenda. N'estas rudes campanhas se estreou o militar ainda imberbe. Campbell, sempre amigo desvellado e constante protector, requisitára-o para seu ajudante de campo. Ás ordens d'elle, auxiliado dos seus conselhos, aprendendo da sua pericia, dirigido e tutelado pela sua vigilancia, começou os estudos praticos da difficil arte da guerra, adestrando-se em boa eschola.

Depois de obstinados esforços, o exercito anglò-portuguez, repellindo por toda a parte o inimigo, atravessou as fronteiras, e, reunindo-se ás tropas hispanholas, continuou com o mesmo exito a lucta, que rematou a libertação da Hispanha, arrojando para além dos Pyreneus os marechaes do grande imperador, e seu proprio irmão, rei de um dia, agora intruso, logo fugitivo.

N'isto chegára a 1813. Declinava visivelmente o astro napoleónico. Ao recente e immenso desastre dos exercitos francezes na Russia iam-se seguindo no Meio-Dia novos infortunios. As legioens peninsulares marchavam por sua vez sobre a França.

Campbell commandava a brigada portugueza, composta do 4.º e 10.º regimentos de infantaria, que fazia parte do corpo do general Hill. Acompanhava-o o alferes Loureiro, que na batalha de Albuera, em 16 de Maio de 1814, merecera por actos de estremado valor a especial recommendação, que veiu a valer-lhe a cruz instituida em 1815 em memoria d'aquella disputada acção.

Já os acontecimentos da sua patria e da Europa lhe não acompanhavam sómente a vida. Já pessoalmente se empenhára n'aquelles acontecimentos com uma parte, bem que modesta, honrosa.

N'essa época, a bem dizer de iniciação, é curioso observal-o de perto. A historia intima e quotidiana d'este periodo tenho-a presente na correspondencia, que aturadamente manteve com um parente—mais que parente amigo, mais que amigo, confidente—cuja superior rasão consultava a meudo, e cujo authorisado parecer tomava sempre, quando as circumstancias lhe pareciam arduas ou delicadas. Era este parente seu cunhado, o fallecido Sr. Ernesto Biester, um homem de bem, um claro juizo e um grande coração. E bem cumpria que tal fosse para justificar tamanha confiança e deferencia em pessoa tão austera, e de genio tão inerteiro, como todos conheceram o general.

É uma correspondencia d'estas, seguida e sincera, a mais fiel photographia. O retrato moral fica ali estampado pelos raios do sol interior, que se chama consciencia. Ali se ha de estudar o character, e se ham de tirar as feiçoens, que todas lá se conservam, não já imitação, não já traslado, mas as proprias, as

naturaes, e quasi vivas. Posto que n'esse longo epistolario se aquilatem os dotes e os meritos de José Jorge Loureiro melhor do que no mais requintado panegyrico, posto que tudo seja egualmente honroso a ambos os correspondentes, não violarei eu o que era para dois. Ha nas expansoens da amisade um pudor, que os olhos dô mundo profanam.

Entre estas numerosas paginas abundam porém noticias e descripçoens, que, podendo servir ao publico sem offensa de nenhum melindre, não devem ficar sequestradas. Algumas d'estas contêm particularidades de um poderoso interesse historico; outras concorrem para illuminar a physionomia do biographado sem entrar no secreto dos seus sentimentos.

D'estas uzarei, com a venia devida, tanto quanto o permite a estreiteza do quadro.

VIII

Convergindo das differentes partes da Peninsula, tinham as columnas dos exercitos alliados tomado pela Byscaia a direcção da raia franceza. As tropas d'esta nação, manobrando em retirada, offereciam frequentemente combate, esperando, como era natural, que a fortuna, d'antes tão favoravel, deixasse de lhes ser adversa.

Foi a batalha de Victoria uma das mais decisivas d'esta campanha. A informação, que d'ella dá o moço Loureiro, testemunha ocular, tem aqui duplicada importancia: pôde servir para a historia geral, e manifesta ao mesmo tempo como o alferes noviço comprehendia já os grandes movimentos militares.

Eis a carta:

«Campo junto a Salvaterra, 23 de Junho, de 1813.

«Querido Ernesto

«Apresso-me a participar-te os acontecimentos do dia 21 do corrente, o dia mais glorioso que até agora tem tido os exercitos alliados n'este paiz. Como deves querer circunstanciadamente saber o acontecido, vou dizer-te o que presenciei, e o que tenho ouvido depois.

«No dia 21 avançou todo o exercito das margens do Bayas¹ em differentes columnas sobre Victoria. O corpo do general Hill fazia a direita de todo o exercito, e como tinha menos a marchar

¹ Na provincia de Alava, uma das de Byscaia, arremessada entre os ramaes e quebradas dos Pyreneus.

«foi o primeiro que encontrou a esquerda do inimigo, o qual tinha esta n'humã montanha, e fazia huma linha obliqua com a direita cobrindo Victoria. Sobre outras montanhas, junto á estrada real de Bayona, todo o exercito inimigo estava em posição. Tinha na frente da sua esquerda hum denso bosque, que pertendeu disputar com caçadores. Logo que chegamos, principiou-se o ataque com huma brigada ingleza, e a minha divisão fazendo a reserva. As outras brigadas vagarosamente subiam huma escarpada montanha para tornear o inimigo. Como o resto do exercito ainda não tinha chegado aos pontos determinados, o nosso ataque foi mui demorado e de entretenimento. Os francezes com coragem e exito deffendiam o bosque sómente com atiradores, apoiados por alguma artilheria sobre a estrada, a qual não nos fez damno algum. Continuou por espaço de duas horas o ataque desta maneira, até que o general Graham, tendo pela nossa esquerda torneado o inimigo, começou tambem o seu ataque. Então fez-se a acção geral. Os francezes, que esperavam o ataque todo na sua esquerda, vendo-se de repente torneados, começaram a retirar a sua direita já em bastante confusão. A este tempo tinha a nossa direita avançado bastante sobre a montanha, e vendo-se a esquerda inimiga a ponto de ser igualmente flanqueada, começou tambem com muita celeridade e confusão a sua retirada. A minha brigada, que protegia a brigada ingleza que fazia o ataque, marchou no alcance dos francezes, assim como todo o exercito. Como o terreno era todo cultivado e com muitas vallas para marcar as terras e dar vazante ás agoas dos montes, nunca podemos hir com a velocidade necessaria; e elles aproveitarão-se da ordem em que nós marchavamos para se debandarem e tornarem a reunir-se n'outro ponto. O terreno era-lhes tão favoravel, que apresentava a cada passo pequenas pozicoens, das quaes foram sempre desalojados por atiradores, e manobras, com as quaes se achavam a cada passo correndo perigo de serem cortados por ambos os flancos. Durou a perseguição todo o dia até noite fechada, e no espaço de 2½ leguas, contando do logar onde começou a acção. Deixaram livre a estrada de Bayona, e retirarão-se pelo caminho real de Pamplona, no qual nós hoje estamos em seu seguimento. Perderão 105 peças de artilheria com os seus pertences, e mais de 2000 carros de bagagens, quasi todas as do exercito. O rei José perdeu tambem toda a sua dentro de Victoria, assim como 24 criados. Só escaparão os cavallo á mão. Fizemos 700 a 800 prizioneiros, e 180 officiaes. Os generaes Sourry e Grenier mortos, e 2 prisioneiros (ignoro os nomes)

«Os nossos soldados estão cheios de riquezas do saque. A nossa perda em mortos e feridos é maior que a do inimigo; porém os feridos são quasi todos levemente. Não ha general nenhum nosso ferido. A maneira com que o inimigo se retirou he vergonhosissima. A posição que tomou, e o modo com que se deixou flanquear não dá credito algum aos seus generaes. A minha brigada, ainda que não entrou em fogo, fez hum serviço nada pequeno, pois marchando com velocidade incrível ameaçou sempre de mui perto a esquerda do inimigo.

«Ha 23 dias que marchamos sem fazer alto, e creio não o faremos sem hirmos a Pamplona.

«A acção começou pelas 11 horas da manhã, tornou-se geral pelas duas, e acabou á noite.

«Não houve ataque nenhum regular. Tudo foram manobras e atiradores.»

«Adeus Am.º»

«Loureiro.»

IX

Com dar tal attenção ás cousas e aos cuidados da guerra, não deixava o alferes Loureiro, de observar sob outros aspectos, os paizes que percorria. Era a curiosidade reflexiva um dos seus caracteristicos, e este lhe inspirou o gosto das viagens, que depois tam vivamente se lhe desinvolveu.

Á entrada do territorio francez fizeram alto por algum tempo os exercitos alliados, preparando-se para avançar sobre Bayona.

N'este intervallo enviava elle a seu cunhado discripçoens curiosas, acompanhadas de reflexoens, que indicavam madureza de espirito superior á que se poderia esperar em taes annos. Sirva para exemplo a seguinte:

«Aldudes 24 de Setembro 1813

«Amigo do coração

«He Aldudes hum valle, e não propriamente povoação, hum valle, que tem $\frac{3}{4}$ de legoas de comprimento, semeado de pequenos casaes, habitados em geral por pastores. Na sua maior largura terá 500 varas. Tudo o mais sam cordilheiras de montanhas,¹

¹ Teem estas montanhas tambem o nome de Aldudes. O valle, que se descreve, é uma das gargantas por onde se atravessa de Hispanha para França. Fica exactamente na linha da raia, na vertente norte na serra Gallibéri-

«mais ou menos altas, e todas accesssveis. Pelo meio d'este valle
 «corre hum pequeno rio, que tem a sua nascente nas montanhas
 «que o cercam. Este rio vai metter-se no La Nive, e depois no
 «Adour¹ onde se mergulha no Oceano. O paiz é bastante fertil,
 «e em extremo pictoresco, e agradável; não é escabroso, inculto
 «ou medonho, como ordinariamente se nos pintam os Pyreneus.
 «As principaes producçoens são milho, alguma fructa, castanhas
 «e uma prodigiosa quantidade de fêno, que serve para alimentar
 «os gados de inverno, quando a neve cobre as montanhas, e
 «não podem ir a apascentar-se. A quantidade de gado, que exis-
 «te n'este paiz, é innumeravel, e faz o principal negocio de seus
 «habitantes.

«O numero d'estes é de 800 a 900. Sua vida é muito frugal.
 «Sustentam-se de leite, mel e pão de milho, e fazem o seu de-
 «posito de queijos para o inverno, quando não ha leite fresco.
 «Sam de estatura bastante alta, e de muita robustez. Fallam o
 «basco, que julgo ser um resto da linguagem dos antigos Celtas.²
 «Alguns fallam tambem francez, porém mal. Eis-aqui uma pe-
 «quena relação d'este paiz, e de seus habitantes, que passam a
 «vida como nos pintam os poetas a deliciosa vida campestre.
 «Não ambicionam mais que terem um bom rebanho, e uma la-

ca, uma das quatro grandes secçoens geographicas do vasto espinhaço py-
 renaico. Pertence á commarca de Mauleon, em França, concelho de Santo
 Estevão de Baigorry, districto dos Baixos-Pyreneus.

¹ O rio, de que se tracta, é um grosso ribeiro, affluente do Nive, como o
 Nive afflue ao Adur. O Adur (o Aturus romano) é o grande receptaculo das tor-
 rentes, que jorram dos visos septentrionaes dos Pyreneus, como de uma urna
 eterna. No seu curso, de 280 kilometros, desde os cimos de Grippe e de Arbison
 até ao golphão de Biscaya, vai o Adur recolhendo os feudos dos seus nume-
 rosos tributarios, o Miduze, o Biduze, o Luy, o Gabas, o Gave-de-Po, etc.;
 passa já caudal em Bayona onde recebe o Nive; e mais abaixo desemboca
 no golphão.

² Basco, ou antes vasconço, é o idioma que os naturaes do paiz chamam
eskuara, como a si se denominam *eskualdunac*, e ao seu paiz *eskualterra*. Em
 vão a sciencia etymologica tem procurado analogias entre a lingua vasconça
 e as mais conhecidas dos outros povos. Os philologos nacionaes querem que
 seja a lingua primitiva. Infelizmente ha outros a requererem a mesma prio-
 ridade. Em todo o caso, a opinião que a reputa um resto dos celtas é apenas
 uma conjectura de mancebo. Os vestigios da lingua celta ham de procurar-
 se na Baixa-Bretanha, a antiga Armorika, no Anju, no paiz de Galles, na
 Irlanda e na alta Escossia. Sam patentes esses vestigios, segundo os eruditos
 trabalhos dos linguistas-archeologos francezes e inglezes, nas affinidades que
 se encontram entre os dialectos cambrianno (Pequena Bretanha e paiz de
 Galles), ersa (Irlanda), e caledonio (alta Escossia). Acham-se os doutos accor-

«voura que lhes dê pão para sustentarem suas familias; traba-
 «lham por isso e sam remunerados do seu trabalho pela fructi-
 «fera natureza do seu paiz. No meio da guerra, que tem assola-
 «do a Europa, elles tem escarneido dos outros povos, pois vi-
 «vendo n'um valle onde não ha estradas boas, não tem soffrido
 «os incommodos inherentes á passagem dos exercitos. Não tendo
 «até aqui visto tropas de nação alguma, mofavam da guerra.
 «Agora porém, que a principiaram a sentir, tiveram ao menos a
 «felicidade de encontrar tropas bem disciplinadas, que não fa-
 «zem mais mal do que o absolutamente inseparavel da mesma
 «guerra.

«Para a outra relatarei as minças occupações diarias. Esta já
 «é assaz extensa.

«Por aqui nada de novo.

«Adeus. Am.º Verd.º

«J. J. Loureiro.»

X

No combate de Pamplona, em Agosto de 1813, a brigada do
 alferes Loureiro cobriu-se de gloria, e o moço ajudante, alcan-
 çou pelo seu comportamento nova recommendação do chefe. A
 parcialidade dos officios e ordens do dia inglezas, contra as quaes

des em derivar da raiz indicò-europea todos os dialeticos celticos, assim do
 ramo gaelico (de que ainda ha indicios) como do ramo kymrico (os já cita-
 dos e ainda semi-conservados). A individualidade e originalidade do idioma
 vasconço repugna á imaginada communhão, que nenhum symptoma authorisa.
 A ancienidade authentica d'este povo é outra difficuldade para o reconhecer
 herdeiro de semelhante legado. Sabe-se que já no seculo vi os vasconços,
vascones como lhes chamavam os historiadores do tempo, passando as mon-
 tanhas, sua sede antiga, invadiram as Gallias até ao Garonna, assentando e
 conservando o dominio n'uma parte da Gascunha. Sabe-se como os romanos
 attestaram a sua presença nas duas vertentes dos Pyreneus, designando-os
 com o nome de *cantabri*. Admittindo que tivessem commnicação accidental,
 ou com as tribus propriamente celticas da Aquitania, ou com os celtiberos
 da Tarragonense e margens do Ebro, a sua co-existencia no paiz repelle a
 idéa de lhes haverem tomado a herança, pois que indubitavelmente já possuíam
 um idioma seu. O amor, que sempre tiveram á independencia, e o apego aos
 usos patrios até hoje invariavel, affasta de egual modo qualquer presump-
 ção de lhes haver a convivencia com os visinhos (convivencia aliás difficil
 e pouco frequente) por tal fórma alterado a linguagem primitiva, que se
 lhes possa attribuir outra inoculada n'esta. Convem esclarecer estes pontos,
 para que se não arreiguem erros sob a authoridade de um nome respeitavel,
 sem attenção ás circumstancias, que revestem esta singella narrativa, feita
 no verdor dos annos, ao correr da penna, no meio das laboriosas occupa-
 çoens de uma campanha, e só para a intimidade.

cumpre estar de prevenção, escureceu, ou esqueceu, muitos actos gloriosos do exercito portuguez. Aos historiadores nacionaes incumbe revindicar a justiça devida, sem cahir em exageraçoes que distanceem o alvo.

D'este quinhão nos louros communs dá testemunho a correspondencia que tenho debaixo dos olhos, e folgo de consignal-o aqui. N'essa correspondencia ha tambem mais de um protesto energico relativo áquella parcialidade.

XI

Em Novembro, as linhas de defeza do exercito francez foram forçadas e tomadas desde as alturas de Anhoa até á costa. As columnas dos alliados continuaram com circumspecção o seu movimento aggressivo em pleno paiz inimigo.

Em Janeiro seguinte o quartel general estava em Saint-Jean-de-Luz. D'ali a Bayonna era um passo.

Campbell, gasto de trabalhos, adoeceu, e carecera de ir a Londres. O seu fiel ajudante acompanhou-o na viagem. Mezes depois, deixando-o já restabelecido, precedia-o para continuar a campanha. Desembarcando porém no continente, achou a paz.

Napoleão abdicára. Não valeram Champaubert, Montmirail, nem Montereau. Tolosa e Paris tinham visto os alliados do Norte, e os alliados do Meio-Dia. A aguia havia deixado fugir o raio.

O moço alferes, que chegava de Londres, demorou-se alguns dias em Bordeus, e visitou Paris.

Começava-lhe outra existencia. Custou-lhe a resignar-se. Presava as armas pela gloria de servir a patria.

«Não tenho genio para levar uma vida sedentaria (escrevia elle por esta occasião a seu cunhado) e não sou militar para acompanhar procissoens!»

Estas palavras pintam o homem. Foi-lhes fiel em toda a occasião.

MENDES LEAL, JUNIOR.

NOVO RETRATO DO SR. J. M. LATINO COELHO

Damos hoje com a devida auctorisação a carta com que o sr. J. M. Latino Coelho agradeceu ao sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos os apontamentos biographicos publicados no numero ultimo da *Revista*. Parece-nos que os leitores estimariam ler um bello trecho da elegante prosa do sr. Latino Coelho e que lhes não seria menos agradavel a narração que das suas mais intimas cogitações litterarias o illustre professor estampou n'aquelle primoroso documento.

A carta do sr. Latino Coelho é um bom exemplo, um acto de modestia, um testemunho de notavel severidade para comsigo mesmo, e uma prova de grande força. De bom exemplo é por certo n'esta nossa terra onde cada qual crê merecer tudo, e raras vezes se julga obrigado a confessar-se agradecido a quem lhe celebrou o nome. A modestia e severidade com que o sr. Latino Coelho apreciou as producções do seu talento, sam virtudes dignas de quem a cada hora e em cada publicação é exaltado e appellidado por todos primor e lustre das lettras patrias. Só um character forte sabe desprender-se dos laços da vaidade alimentada pela admiração sincera ou pela lisonja, e

exprimir ácerca de si proprio um juizo tão livre e desassombrado.

Eis-ahi a carta:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Meu presadissimo collega: Commetti para com V. Ex.^a um desprimor, que teria talvez sabor de salvageria. Sirvam-me agora de expiação as expressões de agradecimento custosas para mim, não por orgulho, que o não tenho desmedido e ingrato, mas por serem offerecidas ao que não foi justiça, senão encarecimento generoso e finissima lisonja. Foi o desprimor, que sabendo eu a benevolencia com que V. Ex.^a tomára o officio escabroso do meu panegyrista, lhe não tornei mais facil a tarefa de illuminar a obscuridade da minha vida, com lhe ministrar os poucos subsidios que poderia prestar-lhe, quem resume em poucos trechos os seus fastos litterarios e em capitulos modestos a sua biographia politica. Tive uma desculpa n'esta que pareceria por ventura arrogancia da minha parte.

Quizeram trazer-me á vergonha n'este *fórum* da *Revista Contemporanea*, onde tem passado applaudidos e triumphantes os patricios da nossa republica intellectual. Vi que posto em praça e esclarecida a scena com tão brilhante luz, como a do entendimento de V. Ex.^a e levado a tão auctórisado pregão, como o da sua voz, ressaltariam mais minguados os meus poucos merecimentos, que n'uma certa penumbra se comprazem, para que se não percebam os contornos que n'elles separam á realidade da convenção.

Se eu tenho algum nome, esse mesmo para poucas invejas, como é, não o criei eu, antes o devo a um certo favor e munificencia com que a opinião se deleita ás vezes em altear os engenhos humildes, mas modestos. É um nome que eu — o melhor critico de mim proprio — confesso que não póde resistir a uma analyse severa. É uma folhagem copada, talvez não ingrata a olhos, que avistem de relance, deixando apenas divisar aqui e acolá uma flor, que mal desabrochou, um fructo escasso, que não veiu nunca a arredondar-se e a sasonar. Os meus escriptos não são mais do que uma corrente de agua, talvez não inteiramente lodosa, que passa com o seu murmurio modesto, accordando aqui e alli um eccho de sympathia, mas que é preciso deixar correr sem tentar que a pequenina onda, que uma vez deslisou, retroceda, antes continue e vá perder-se no esquecimento. É d'estes nada que se compõe a minha pouca fama litteraria. Exhumal-os, quando já tiveram a sua vez, relatal-os, quando já deram todo o seu fructo, é querer recompor um fogo de artificio, quando os mixtos já arderam com certa deleitação de frivolos espectadores.

Ora eis ahi tem V. Ex.^a os perigos, que eu, melhor piloto da mi-

nha fragil barca litteraria, tenho sempre buscado desviar. Eu sou como um d'estes paes affectuosos, mas discretos, que tendo uma filha, não de todo desgeitosa, mas mui longe de gentil, estivesse estudando antes, com que a não expor na praça á luz do meio dia, para que não passassem invejosos e dicases a notarem-lhe os senões, que tinha dissimulados a luz favorecedora dos salões e dos theatros.

Por isso tive uma guerra com amigos meus para me esquivar a estas perigosissimas honras do retrato e da biographia. Guerra, em que o egoismo se apercebeu com as armas da modestia. Pela mesma razão, porque muitos desejam um biographo, o temi eu por inimigo. Elles desejam-n'o por luzir ao menos um dia; eu fugi-lhe quanto pude para não desluzir inteiramente. Não ha obscuridade que salve da inveja. Não cairei pois na inculpação de vaidoso, se julgar que alguém de facil contento me elegeria por alvo d'aquella ruim paixão. Em quanto ninguem me faz a historia, poderei ter uns clarões, que me remedem uma aureóla, mas se me escrevem a biographia, ahi será o discretar dos maliciosos, ahi o inquerir em que tenho aproveitado o meu tempo e se com tal matolagem de acepipes ligeiros e de golodices feminis, sem vitualhas de substancia, me atrevi a çarpar n'esta longa e ardua navegação da gloria.

Tenho sido accusado de não ter feito senão flores. De um alto personagem sei eu que me fez a honra d'este juizo. E ainda se fôra verdadeiro o conceito! Se flores eu tivesse conseguido fabricar! Um politico, cujos chistes e donaires andam em proloquio, já disse de mim que eu era *um estylo á procura de um assumpto*. Mas um estylo é a coisa mais preciosa e rara nas lettras. Um estylo é Cycero e Chateaubriand. E provera a Deus que fôra tambem exacta esta censura!

Eu nem faço flores, como Constantino, nem arabescos, como um artista sem objecto. Faço uma coisa que toda a gente faria em meu logar. Atravessei a época mais temerosa da nossa litteratura, sem importunar um typo de imprimir. Todos os sete annos dos meus estudos superiores, a unica época feliz da minha vida, os passei eu no mais desfeito temporal do romantismo.

Era a quadra das chacaras e dos solãos, dos dramas hediondos, e dos poemas funereos. Era o dia de S. Bartholomeu da litteratura. Andava o diabo solto e desenfreado como o do celebrado Dr. Faust. Ruinas, castellos, tumulos, abbas derrocadas, esclarecidas apenas pelos raios da lua filtrada por cima dos cyprestes; cavalleiros enamorados, castellãs perjuras, vinganças mais cruentas que as dos *Niebelungen*, feiticeiros, espectros, abutres, e morcegos, tal era o arsenal onde faceis imaginações iam buscar as armas da poesia. Quem não seria poeta em Parnaso tão chão e tão patente? Quem resistiu ao desejo de imitar a *Torre de Nesle* ou a *Lucrecia Borgia*? Quem não ideou um romance

em que o heroe fosse ainda mais ferino que Han de Islandia? De um poeta sei eu que, ardendo então por dramatisar a mais exemplar vindicta, tinha traçada uma tragedia, em que o protagonista, julgando ainda iguaria de estomagos enfermos a ceia de Thyestes, ou a de Gabriella de Vergy, sentava o heroe em um convivio lugubre, na sala d'armas do castello, confundindo o repasto com a vingança, e tragando, bocado a bocado, o corpo da mulher adultera, regado com o sangue do seu amante, com o mesmo appetite brutal com que um inglez poderia comer um quarto de carneiro *Dishley*, condimentado com *Queen Victoria Sauce*.

E pensa V. Ex.^a que assisti com indifferença a estas e semilhantes manifestações do talento juvenil? Pensa que vi na rua dos Condes os triumphos cruentos da Melpomene do meu tempo, sem que a inveja de Milciades me turbasse o somno em presença dos Themistocles litterarios que comigo se sentavam nos bancos das escólas? Devo confessar-lhe em honra da verdade historica que incorri em peccados abominaveis de lesa litteratura. Tambem saí em furtivas algaras e fossados litterarios contra a mourisma do meu tempo. Ainda n'uma pasta archeologica, discreto jazigo dos meus primeiros monstros poeticos, repousam em chácaras de insipida constructura as carcassas de alguns moiros descabeçados, que se não riem ainda de mim, porque eu tive o bom juizo de lhes decepar cerceas as cabeças com aquelles famosos montantes, que V. Ex.^a nunca viu de certo no museu de artilheria de Pariz, e que foram todos em linha recta descendentes da *Tizona* do Cid de Bivar.

Escrevi dramas, meditações, romances, que me entristeciam mais pelo que tinham de mesquinhos do que pelo que eram de sentimentaes. Pequei como todos, mas pequei em silencio, ás escondidas, sem escandalo publico, como fragil e carnal que era, e sobre carnal, creança de poucos annos, e inchada então com apotheoses de escola. Como os espartanos, segundo o preceito de Lycurgo, aquellas creaturinhas mal affeioadas e poucos vividouras, se não as afogava eu, as sepultava em apertada clausura, porque não fossem praga dos jornaes e peste ou pelo menos modorra dos leitores. Só tive juizo em ser modesto e não me arrependo do meu feito. Em quanto os meus condiscipulos iam já engatinhando em letras, fa eu estudando o que me cumpria; mathematicas, que todos julgam aridas, e que eu — não sei se com paradoxo — creio uma das mais gratas voluptuosidades do entendimento; sciencias naturaes, que alargam o homem até os confins do universo. Sciencias e chronicas dos nossos aureos tempos nationaes, repartiam as horas dos meus estudos. O que não quer dizer que eu não lesse com avidéz todos os livros que me caíam sob a mão, desde o *Tratado das obrigações* de Pothier, e o *Espirito das leis*, até á *Sum-*



ma de S. Thomaz, desde a interminavel e sombria *Clarisse Harlowe* até ás immortaes caricaturas do manco de Lepanto.

N'estes combates entre o orgulho de não querer parecer mal, e o desejo fervoroso de ser auctor, se passaram os annos da primeira adolescencia. Era já homem ao cabo d'elles. Accordei das escolas e achei-me no mundo. Começaram então as contrariedades da vida. Primeiro me vieram os cuidados do que as barbas. Com as amarguras, que me visitaram precoces, e com uma doença que me influia entranhavel melancolia, senti a necessidade de exercer o espirito em coisas estranhas aos meus estudos habituaes, porque sempre me enojou a monotonia de um assumpto continuado, nem comprehendí como um homem póde servir-se exclusivamente de uma das muitas faces da intelligencia.

Um amigo meu tinha um pequeno semanario. Decaia a folha a olhos vistos. Iam-se os assignantes. Era mister amparal-a no despeñhadeiro. Veiu um dia aquelle amigo procurar-me, e pediu-me para que eu fosse o redactor. Objectei que nunca tivera escripto. Alleguei incompetencia, declinei a jurisdicção, sorrindo-me comtudo a idéa de apparecer escriptor. Instou o amigo, encareceu-me benevolo os dotes do meu engenho, levantou-me nos broqueis da sua boa amisade, porque desde as escolas me tivera sempre na sua estima. Cedi. Aventuro-nos, disse eu, á empresa. Tenteemos a tela, provemos os pinceis. De menores principios sairám grandes nomes. Escreverei anonymo. Não fui de todo o ponto infeliz.

Acolheu-me a benevolencia dos amigos, a quem devi tudo o que sou nas letras. Paguei-me da boa feição do publico e puz banca de escriptor, mas sem vaidade, sem calculo, sem egoismo, sem a menor sombra de itinerario ambicioso n'este difficil caminho, que em nossos tempos guia muitas vezes á reputação e á influencia. Achei no escrever um deleite, uma distracção, um mundo ideal onde me vingar das contradicções em queme trazia o mundo positivo. Eis ahi porque perseverei escrevendo. Escrevi pela mesma razão, porque outros vão á caça, porque outros frequentam as tavolagens, porque outros dançam uma walsa, porque outros esquecem o mundo pelos trebelhos do xadrez, porque outros se entreteem em futilidades ainda menos justificaveis e meritorias. Nunca escrevi para a gloria, nem para a posteridade. Os meus escriptos resentem-se da sua origem de occasião e do intento com que os delineei. São quasi sempre improvisos de momento. Obras das que chamam hoje de *largo folego*, poderia tel-as escripto innumeras, porque V. Ex.^a sabe que por indole, aperfeiçoada pelo habito, consegui escrever com tanta celeridade, quanta é compativel com a formação, ás vezes illegivel, dos caracteres. Mas que obras seriam? Nem eu o quero imaginar.

Tenho para mim que livros se devem escrever originaes e que al-



guma coisa accrescentem ao peculio da humanidade. Para a distracção, para a conversação escripta é que se inventou expressamente o jornal. Depois a minha organização excentricamente nervosa irrita-se com a perspectiva de longos folios a escrever. Custa-me a ter perseverança para seguir a mesma idéa, e ha em mim um horror innato de poder, escrevendo volumosas composições, cair em tedioso.

Aqui está, como se fôra deposto aos pés do confessor, o que eu sou e o que valho como escriptor. O que V. Ex.^a de mim affirma é tão lisongeiro e gracioso, que não sei melhor meio de lh'o agradecer que declarar-me sinceramente mui outro do que V. Ex.^a me esboçou para que não imagine que arrogante com o fôro de nobresa intellectual com que V. Ex.^a entroncou o meu nome no patriciado da republica litteraria, me vou suppondo a serio o que V. Ex.^a com tão obsequiosa munificencia me despachou. Que tão saboroso é o elogio, ainda assente em falsos meritos, que até aos mais modestos deslumbra e influe vaidades nos que menos presumem de si.

Restabelecidas as verdadeiras proporções do escriptor, tenho em grande conta que não façam mau juizo de mim como homem e agradecido

Receba pois V. Ex.^a os mais cordeaes testemunhos da minha gratidão pelas benevolentes e generosas expressões, com que disfarçou a minha pouca valia litteraria, e me emprestou a luz do seu talento, para que o meu nome podesse um instante brilhar com os resplandores do seu.

Aproveito a occasião para offerecer a V. Ex.^o os protestos da estima e consideração com que tenho a honra de ser

De V. Ex.^a

Admirador e collega obrig.^{mo}

R. de S. Bento 174,
17 de Agosto de 1860.

José Maria Latino Coelho.

Felicitemos o Sr. Latino Coelho por ter escripto esta carta, e o Sr. Teixeira de Vasconcellos por ella lhe ter sido dirigida. Pela nossa parte desvanecemos-nos de que á *Revista Contemporanea*, caiba a distincção de a estampar nas suas paginas.

A RENASCENÇA E O MOSTEIRO DA BATALHA

II

Causas diversas e complexas, mas igualmente poderosas, fizeram despontar mais cedo em Portugal a luz da Renascença, dissipando as trevas da idade media.

É evidente que a realisação d'esse grande facto que emancipou o povo, elevando-o lenta e successivamente a tomar parte nas assembleas politicas da monarchia, deveu-se sobretudo á alliança do poder real com as classes inferiores, que se verifica nos ultimos annos do reinado de D. Sancho I.

Nas questões que o altivo monarcha tivera com o bispo do Porto Martinho Rodrigues resolveu-se pela primeira vez o vigor que attingira o elemento popular remido, segundo a feliz expressão do nosso illustre historiador Alexandre Herculano, por esses evangelhos primitivos de liberdade chamados foraes.

A religião auxiliava do mesmo modo a união entre as diversas classes. A população christã na Peninsula empenhada n'uma luta continua contra os inimigos da sua fé, disputando palmo a palmo o territorio que lhe fôra usurpado por povos tão diversos em crenças e costumes, fôra desde logo dominada por um escripto de igualdade, que uma mesma religião, que identicos perigos tendiam a desenvolver, e o titulo de christão e esta gloriosa communhão pelo sangue vertido nas batalhas, forçosamente aproximava as diversas ordens sociaes pelo sentimento da fraternidade religiosa.

Na Europa a alliança entre o povo e a monarchia só mais tarde se realisou, durante o seculo XVI a nobreza feudal, possuindo grandes propriedades, grossos rendimentos, e exercendo os mais altos cargos do estado, affrontava sem receio todo o poder superior.

A decadencia do regimen feudal data verdadeiramente das ultimas decadas do seculo XI. A invenção da polvora, que veio igualar as condições da guerra o aperfeiçoamento da arte de navegação, que favorece a prosperidade da classe media, pelo desenvolvimento da riqueza, o estabelecimento dos exercitos permanentes, que concede grande força á monarchia, e pouco depois a descoberta da imprensa, que arranca ao clero o monopolio do saber, são factos que successivamente approximam as nações da unidade social.

Tres soberanos dotados de qualidades eminentes, Luiz XI em França, Henrique VII em Inglaterra, e Fernando o catholico em Hespanha, os tres reis magos como os domina Bacon, apoiando-se na classe popular, e até certo ponto na igreja inauguram o poder absoluto, nova organização politica, que concentrando a força social se tornára uma necessidade, depois que o imperio Ottomano, no auge da sua omnipotencia, ameaçava a Europa e a queda de Bysancio, a deixava aberta a todas as tentivas de invasão.

Uma das causas que visivelmente favoreceram a influencia do poder real entre nós, foi a rivalidade que se manifestou desde o principio da monarchia entre as duas aristocracias, por um antagonismo derivado das condições especiaes, com que uma certa porção de propriedades se constituiria: os direitos de padroado, direitos de *comedorias*, *pousadias*, *casamentos* e *cavallarias*, promoviam continuas questões e pleitos entre o clero e a nobreza, que tornando necessaria a intervenção do rei, como chefe superior da administração da justiça, favoreciam o seu predominio sobre classes, que unidas e alliadas poderiam pôr em risco a independencia do estado.¹

O proprio clero, sem perder a sua auctoridade, já não possuia sobre as nações da Peninsula a supremacia quasi absoluta que exercera, durante o imperio Wisigothico, que desde o oitavo concilio de

¹ *Comedorias*, *pousadias*, *casamentos*, e *cavallarias*, eram direitos que os *herdeiros* e *naturaes* das instituições pias possuíam, e por cujo abuso foi indispensavel recorrer á Coroa, que se viu obrigado a modificar em todo ou em parte as disposições primitivas dos fundadores ou herdeiros das fundações.

Comedorias, *colheita*, ou *jantar* era o direito de comer no convento. *Cavallaria* era uma parte do imposto que se pagava aos homens, quando eram armados cavalleiros. *Casamento* era a propina que recebiam as mulheres para accrescentamento do dote ou para soccorro em matrimonio já contraído.

Toledo se transformára n'um verdadeiro regimen theocratico, analogo ao do baixo imperio.⁴

Apesar da brandura e moderação que mostraram os arabes, quando invadiram a Peninsula as mesquitas elevaram-se ao lado das cathedraes, ou substituiram estas, e as riquezas dos prelados passaram ás mãos dos vencedores, circumstancias que os collocaram á mercê da piedosa liberalidade dos monarchas, e da aristocracia militar.

É forçoso reconhecer tambem que a nobreza, nos primeiros seculos da monarchia, nunca se mostrou demasiadamente hostile ao poder real. O rei dirigia em pessoa as operações militares, e era realmente em toda significação da palavra, os primeiros soldados do seu exercito. O esforço do homem engrandecia o prestigio do monarcha, o respeito devido ao chefe d'estado ligava-se á admiração que a sua coragem inspirava. Á excepção de Affonso II, que sem ser destituido de valor pessoal não se mostrou inclinado a arrostar os perigos da guerra, a nobre dynastia burgonheza nunca desmentiu o sangue d'esse infatigavel batalhador Affonso Henriques, que se não fosse um vulto eminentemente historico pelos numerosos vestigios que deixou da sua existencia, tornar-se-ia transfigurado pela imaginação popular, um heróe de lenda, como o Cid Ruy Dias Campéador.

A homenagem que o fundador da monarchia prestára ao Papa para lhe confirmar o titulo de Rei, investira Roma de uma verdadeira suserania sobre Portugal, que o poderia facilmente converter n'um estado theocratico, se porventura os seus successores, não resistissem com indomavel constancia ás pretensões do alto clero, affrontando os interdictos e excommunhões, armas tão poderosas em épocas de tão viva crença.

A luta, que se protrahiu durante tres seculos, começa com Sancho I e só, ás beiras do sepulchro, enfraquecido por uma lenta doença, é que o monarcha consente em reconciliar-se com o Bispo do Porto e o Bispo de Coimbra, concedendo-lhe grandes privilegios e generosas dadas.

Innocencio III presidia á cadeira de S. Pedro quando Affonso II subiu ao throno.

De um nascimento illustre, theologo e canonista eminente, elevado á suprema dignidade de chefe espiritual, na vigorosa idade de trinta e

⁴ Na abertura do oitavo concilio de Toledo, Resciuntho disse : «O Creador elevou-me ao throno associando-me á dignidade de meu pai, e por sua morte o Omnipotente transmittio-me a auctoridade do qual herdei.» Palavras que são a expressão do direito divino.

N'este mesmo concilio a preponderancia clerical é evidente : os canones foram assignados por setenta e tres ecclesiasticos, e sómente por dezeseis condes, *proceres* ou duques.—Guizot-H. des *Origines Gouvernement Représentatif en Europe*. Tomo 1.º pag. 241.

sete annos, pontifice ambicioso e energico seguidor das tradições de Gregorio VII o unico pensamento da sua vida foi constituir o dominio universal da igreja.

Tal era o desvario que o Rei encontrava diante de si, exactamente no periodo em que o fanatismo religioso attingira os ultimos limites da exaltação e do delirio, quando os Albigenses eram exterminados aos milhares, n'uma cruzada mais implacavel e feroz do que as expedições que os christãos dirigiam ao Oriente, para a conquista do Santo-Sepulchro.

As questões da corôa com o alto clero começaram desde o principio do reinado. Se Affonso se mostrou pouco feliz nas empresas da guerra, era dotado de coragem, e o seu coração sentia-se animado d'aquella fortaleza, aos reis tão necessaria, como diz Mariz, que vence os obstaculos, e muitas vezes consegue dominar a propria adversidade.

Nenhum monarcha se mostrou mais cioso das suas prerogativas que Affonso e pelo receio de ver diminuido o patrimonio publico, recusou tenazmente cumprir as disposições testamentarias de seu pae, em favor de seus irmãos Sancha, Thereza e Branca, não hesitando em invadir os seus dominios á força de armas.

Os juizes executores do testamento de Sancho, o Arcebispo de Compostella e o Bispo de Lamego, accesos em cólera, immediatamente fulminaram excommunhões contra o monarcha, e pozeram interdicto ao reino.¹ Affonso IX, rei de Leão, que fôra casado com Thereza, e que ainda lhe consagrava extremoso affecto, penetrou com um exercito nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, rompendo as hostilidades.

Affonso na difficil situação em que se encontrava appellou para Roma, menos pela esperanza de ser favorecido nas suas pretensões do que para afastar a tempestade que o ameaçava.

Innocencio III enviou dois agentes os abbades de Sina e de Osseiros, que se comprometteram solememente a levantar as censuras que pesavam sobre o rei e o reino, se Affonso II dêsse a suas irmãs a somma

¹ A *excommunhão* reduzia um desgraçado, quando se cumpria em todo o rigor, a ver-se abandonado pelos seus criados, pelos seus amigos e pela sua familia: assim aconteceu a Roberto V, rei de França, fulminado de excommunhão por Gregorio V.

Pelo *interdicto* suspendiam-se todos os officios divinos, as igrejas estavam fechadas, prohibiam-se os toques dos sinos, negava-se a sepultura aos mortos, não se procedia a outras ceremonias senão a do baptismo e da extrema-unção.

O clero dilatou o seu poder pelo influxo d'estas poderosas armas até quando a consciencia da humanidade mais illustrada adquiriu a convicção de que um poder tyranico não pôde ser interprete de uma missão divina. *Hallam-Europe en Moyen Age, Tome 2º*

de 150\$000 morabitanos, como indemnisação das despesas e estragos produzidos na guerra.

O rei que uma ardente cubiça devorava recusou cumprir a dura condição que lhe fôra imposta, e os juizes do processo, cada vez mais irritados, pozeram de novo o reino em interdito, e fulminaram novas excomunições contra o monarcha. Uma circumstancia todavia de que Affonso habilmente se aproveitou, pôde conseguir restabelecer a concordia, e serenar por algum tempo estas contendidas, que tantos males causavam ao paiz.

Recordando-se de que devia á Santa-Sé o censo de vinte annos offereceu-se a fazer entrar nos cofres da Curia a quantia de 3:360 morabitanos o que inclinou a seu favor o animo de Innocencio III, que como affirmam os seus proprios panegyristas, não era menos avido de poder que de riquezas.

Se a aristocracia sacerdotal denunciava tão claramente e por factos tão positivos o seu odio contra o rei de Portugal, a nobresa não lhe era menos adversa, depois que Sancho I abraçára a causa dos burguezes do Porto, nas suas questões com o nobre bispo Martinho Rodrigues, parente e alliado das mais illustres familias do Douro, e manifestava sem rebuço a aversão que votava á propria dynastia.

Um successo que cobriu de gloria as armas portuguezas, veio reanimar o sentimento nacional, adormecido no ocio da paz, e conseguiu até certo ponto, aplacar as violentas paixões que agitavam os animos.

No anno de 1218 Alcacer uma das mais opulentas cidades da Extremadura succumbia aos esforços reunidos dos portuguezes e dos cruzados, que aportando a Lisboa, de boamente se associaram a uma empresa que consolidava o poder christão no occidente, e enfraquecia o dominio já abalado dos arabes hespanhoes.

Antes da cidade ter aberto as suas portas, pelejára-se nos campos adjacentes uma disputada e sanguinolenta batalha, que produziu no imperio musulmano, uma impressão de terror, quasi igual a da grande derrota das Navas de Tolosa.

Um poderoso e luzido exercito de quarenta mil homens, vinte mil de cavallaria, commandados por Cid-Abbudli, governador do districto de Badajoz, e o Cheiks de Sidonia Ecija, Carmona, e os Walis de Jaen e Xerez vieram em soccorro de Alcacer acampando a uma legoa de distancia dos sitiadores. Em quanto os cruzados continuavam o cerco da cidade, observando os movimentos do inimigo, as tropas christãs, engrossadas com um auxilio de boa e bem armada peonagem, dos cavalleiros do Templo e do Hospital, e de muitos fidalgos de Portugal e de Leão, intrepidamente caminhavam ao encontro dos sarracenos.

Martinho commendador de Palmella, pequeno de corpo, mas bravo

como um leão ¹ e o Mestre do Templo Pedro Alvitiz, á frente de quinhentos cavalleiros apenas arrojaram-se sobre as fileiras arabes, que em breve rotas e desordenadas por um tão impetuoso commettimento, procuraram a salvação na fuga, afogando-se uma grande parte nas aguas do rio Sado. A carnagem durou tres dias: os sarracenos foram perseguidos por espaço de dez milhás, e a sua perda elevou-se a quinze mil homens mortos no campo, além de grande numero de prisioneiros.

As questões entre a corôa e a aristocracia sacerdotal renovaram-se no anno de 1220, dois annos depois d'este memoravel successo.

O rei, attribuindo-se imprudentemente um direito illimitado sobre as terras e bens do estado, que pertenciam na maior parte á nobreza, e tambem ao clero, forçosamente devia exacerbar o resentimento d'essas classes avidas e poderosas, que não hesitavam em affrontar a magestade da realesa.

O arcebispo de Braga, Estevão Soares da Silva, de uma illustre familia do Alem-Douro convocou uma assembléa de prelados, e outros personagens pertencentes ao clero, para accusar Affonso não só de usurpar a jurisdicção ecclesiastica, e de exigir tributos de que as leis isentavam os sacerdotes, em menoscabo da religião e da justiça, mas de offender a moral publica pelo escandaloso espectáculo dos seus illicitos amores.

A indignação de Affonso attingiu os ultimos limites da violencia. Ordenou que um grosso de tropas invadissem os dominios senhoriaes do arcebispo para os destruir: os seus celleiros foram entregues á pilhagem, as granjas saqueadas: as vinhas arrancadas pela raiz, os pomares e mattas reduzidas a cinzas.

O arcebispo lançando o anathema sobre o rei e os seus conselheiros e pondo o reino em interdicto, appellou para Roma; mas julgando-se pouco seguro safu do reino, acompanhado por alguns parochos que o não quizeram abandonar n'aquelle doloroso trance, e dirigiu-se á Italia.

Honorio III presidia á cadeira de S. Pedro, e não era homem inferior em energia ao seu antecessor e celebre pontifice Innocencio III. Privando o rei da advocacia das egrejas portuguezas, medida que vinha favorecer os interesses do clero recommendava ao mesmo tempo aos suffraganeos do arcebispo de Beja, que entre si proovessem com donativos á sustentação do seu prelado, para o não verem succumbir á mingua de recursos, na luta que empenhára com o monarcha.

Os bispos de Astorga, Tuy, e Palencia, foram intimados pelo papa,

¹ Commendatore Palmele, parvus corpore, corde léo apud. A. *Herculano H. de Portugal*, Tomo II, Livro IV.

para annunciarem solemnemente a excommunhão contra o rei, e o interdito no reino, e na carta que dirigiu a Affonso II declarava que se não obedecesse com reverencia aos decretos da Santa Sé, absolveria os seus vassallos do vinculo de fidelidade, e entregaria o paiz aos principes e nobres que d'elle quizessem dispor, legitimando perpetuamente este acto.

Affonso resistiu com inabalavel constancia aos raios do vaticano, embora se convencesse de que aquellas ameaças não eram vãs, e que o seu throno estremecia na base.

Ao mesmo tempo, insultos feitos por portuguezes nas fronteiras de Leão, levaram Martim Sanches, o valente bastardo de Sancho I, a romper as hostilidades e penetrando na provincia de entre o Douro e Minho, marchou para Ponte de Lima.

Quiz Affonso disputar-lhe a passagem, adiantando-se com as forças que tinha disponiveis, mas fosse qual fosse o motivo, o facto é que uma pequena porção do exercito, retirou-se com elle para S. Thyrsó, a doze leguas do inimigo, levando as bandeiras. Os cavalleiros de Riba-Douro, anciosos de combater, investiram com as tropas de Martim Sanches, e apesar de obrarem prodigios de valor, tiveram de recuar perante a resistencia que encontraram. Desafiando o Fronteiro de Leão para um novo recontro, foram successivamente desbaratados junto de Braga e de Guimarães, tendo de refugiar-se no castello d'esta ultima cidade.

O esforçado Fronteiro tornou-se para Galliza, diz o *Livro Velho das Linhagens*, «mui honrado e bem andante, com muitos grandes roubos, bem quantos se elle quiz levar, e mui grão peça de cavalleiros que levou presos, soltou-os.»

Affonso IX invadia pouco depois a provincia de Traz-os-Montes, apoderava-se de Chaves, que só veiu a ser restituída a Portugal no reinado de Sancho II, e que elle conservou em seu poder sob pretexto da segurança das terras da infanta D. Thereza, sua antiga esposa, que repudiára pela razão de proximo parentesco, mas que ternamente amou até aos ultimos momentos da sua vida.

A paz entre os dois paizes veiu a concluir-se poucos mezes depois. Affonso II sentindo-se cada vez mais debilitado pela doença que lentamente o minava, começava a tratar da sua reconciliação com o arcebispo de Braga, quando a morte sobreveiu rapida, e desceu ao tumulo fulminado pelo anathema da egreja.

Cioso como elle era do seu poder, e avido de accumular riquezas, não seguiu o exemplo de seu avô e de seu pae, que tão efficaçmente tinham promovido a fundação dos conselhos, unica organização social que defendia o povo das violencias e excessos das altas classes.

No seu reinado foram as *honras*, as propriedades dos nobres, que se

multiplicaram e floresceram em prejuizo dos gremios municipaes, que constituíam a verdadeira força do throno, e tendiam a consolidar a sua preponderancia e auctoridade.¹

Não se pôde todavia afirmar que as classes populares se conservassem estacionarias, e deram ellas um grande documento de energia no primeiro anno do seu reinado.

Na celebre batalha das Navas de Tolosa, (11 de Julho de 1212) a peonagem portugueza distinguiu-se não só pela resignação com que supportou as fadigas da guerra, mas pelo audaz arrojo com que accommetteu as fileiras sarracenas. O facto é confirmado pelas palavras das chronicas contemporaneas: «Affuerunt portugallensis... qui ad prœlium *tunquam ad épulas* propesabant; Luc. Tot. p. III. plerique milites de partibus Portugallis, *feditum veri copiosa moltitudo*, qui *misa cagilitate* expeditionis—onera facilè sustinebunt et *audaci impetu* impetebant—R. Tolet. liv. 8.º cap. 2.º

As tendencias que preponderam em todo o reinado de Affonso II, foram não só desenvolver e fortificar o poder central, mas engrossar, embora por meios frequentemente onerosos e injustos, as rendas do estado.

O direito romano, ultimo e grandioso legado da sciencia antiga, foi a primeira innovação introduzida na idade-media, e auxiliou effizazmente as tentativas da realeza. Affonso II, declarando que a suprema magistratura judicial era inherente á magestade, e que os juizes não eram mais que seus representantes, habilitou-se a reprimir e a circumscrever as invasões das classes aristocraticas.

Esta luta do throno com o alto clero não terminou sobre o tumulo do rei, fulminado pelo anathema de Roma. Resuscitou mais energica e furiosa no reinado seguinte, e o clero conseguiu arrancar da frente do heroico Sancho II, a corôa que elle ennobrecera por tão brilhantes victorias.

L. DE MENDONÇA.

¹ O Sr. Alexandre Herculano apresenta diversas especies de terras que não eram reaes nem municipaes; *herdamentos honrados, maladias, paramos, cavallarias, etc.* As *honras* eram a organização que tinha mais analogia com os conselhos e podiam denominar-se conselhos da nobresa.

As *honras*, segundo a definição de Santa Rosa de Viterbo, «eram certas porções de terreno, em que os ricos homens ou outros principaes senhores tinham seus palacios ou quintas, com jurisdicção sobre os visinhos e seus vassallos, ou colonos, que como feudatarios os reconheciam como a senhores, que tinham obrigação de os defender e amparar de qualquer violencia ou extorsão.»

A luta dos monarchas com a fidalguia teve principalmente por origem a extensão que os nobres procuravam dar ás *honras*, invadindo e usurpando com escandalo os territorios da corôa.

As inquirições foram a natural consequencia d'estes abusos, que engrandeciam a classe aristocratica, á custa do patrimonio publico.

UMA RAINHA NO SECULO DEZENOVE

No principio do presente seculo, o velho paço de Stuttgard era a tranquilla e feliz residencia da familia ducal de Wurtemberg, cuja posição, ainda que bastante elevada para merecer a homenagem e respeito que se consagrava ás casas reinantes da Europa, não estava comtudo n'um gráo tão elevado que a expozesse aos escolhos politicos, a que se veem tantas vezes sujeitas testas coroadas, ás vezes as mais altamente collocadas e por ventura as mais ambiciosas. A grande revolução social, que tinha vindo abalar a Europa até aos fundamentos, não deixou de perturbar igualmente o socego e a ventura da casa de Wurtemberg. Napoleão, o grande, estava firmemente sentado sobre o throno imperial de França; e resolveu que uma corôa havia tambem de cingir a fronte de cada um de seus irmãos. O throno de Hollanda já pertencia a Luiz Bonaparte; José era o rei d'Hespanha, e um novo reino, o de Westphalia, se estava formando para Jeronymo.

Havia porém um obstaculo sério para que se podesse realizar este pensamento, e era que Jeronymo, em opposição aos desejos de seu irmão, tinha casado com uma senhora de Baltimore, nos Estados Unidos, que acabava de ser mãe. Esta união desagradou tanto ao imperador que a não quiz reconhecer. Jeronymo, que amava muito sua mulher, veio á Europa e deitando-se aos pés de Napoleão, pediu que lhe

perdoasse, e insistiu para que sua esposa fosse contemplada como fazendo parte da familia imperial. Esta supplica foi dirigida n'uma occasião pouco opportuna, porque a entrevista de Jeronymo com o imperador teve logar em Milão em 1805, logo depois de ter lançado mão á corôa de ferro dos reis da Lombardia, cuja bella e orgulhosa deviza é assim :

Dio me la diese.

Guai che la tocca

Foi n'esta circumstancia, unica na vida de Napoleão, que Jeronymo lhe rogava recebesse por irmã uma filha da America republicana! A supplica foi regeitada com indignação. Jeronymo derramou lagrimas apaixonadas sobre o retrato de sua mulher, protestando que nunca a sacrificaria ás vãs considerações das grandezas da terra, mas faltava-lhe para isso a firmeza e resolução que tanto distinguem a familia Bonaparte; e quando á vista deslumbrada lhe apresentaram uma corôa, com suas pompas e poder, começando por ser menos vehemente nas suas recusas, acabou por ceder á vontade de seu imperioso irmão.

D'esta fórma abandonando a esposa e desconhecendo o filho, eis Jeronymo só, fraco e culpado, prompto a immolar a honra, o affecto e o dever sobre o altar da ambição.

Mas agora, qual será a consorte que elle deva collocar a seu lado sobre o novo thono de Westphalia?

Napoleão lançou a vista para Wurtemberg, que tinha sido recentemente elevado á dignidade do reino, e cujo rei era simplesmente um satellite da França imperial. A princeza real tinha justamente vinte annos. Dotada tanto de belleza como de uma grande amabilidade, esta joven princeza era comtudo muito mais firme do que seu augusto pai, e declarou expressamente a aversão que tinha por esta alliança, não vendo em Napoleão mais do que o inimigo natural de sua chara Allemanha. Por outra parte, elle sentia profundamente ferido o seu orgulho de mulher, ao pensar que havia de dar a mão a um homem que sabia estar casado com outra.

Foram inuteis todas as suas representações; e ella viu-se constrangida a curvar-se á vontade de ferro de Napoleão, o Grande, com quem seu pai tinha acabado de concluir uma estreita alliança. D'ahi a poucos mezes Catharina de Wurtemberg estava casada por procuração com Jeronymo, rei da Westphalia, passando em seguida a fronteira de França como cunhada do imperador.

Foi obrigada, pela etiqueta da côrte, a separar-se na linha limitrophe de todos os seus, criados allemães, e a entrar só n'um paiz estranho para ella, acompanhada na realidade de uma brilhante comitiva, mas sem que seus olhos entristecidos distinguissem um rosto familiar,

sem que uma unica voz conhecida procurasse abrandar com meigas palavras a amargura da sua alma. Com a firmeza que lhe era propria, a princeza revestio-se de toda a sua coragem para lutar com uma sorte tão adversa, e nem por um instante revellou o que o seu coração padecia! À medida que se ia approximando de Paris, parecia que todo o seu ser se transtornava; o seu trato lhano e ameno tornou-se frio e altivo, apesar de que em ponto algum deixasse de praticar a cortezia devida; em fim o violento constrangimento em que vivia alterou de um modo pouco agradavel toda a sua fisionomia.

Foi a 20 de Agosto de 1807 que Catharina se achou, ao romper da manhã, quasi á vista de Paris; mas o beneplacito de Napoleão era que a princeza não entrasse na capital senão ao anoitecer; em consequencia d'isto foi conduzida a Raincy, lindissima residencia de campo que pertencera n'outros tempos á casa real, e que então era propriedade de Junot, duque d'Abrantes, cuja esposa tinha a expressa ordem de receber a princeza com todas as honras devidas á sua alta jerarchia.

A duqueza recebeu-a *em demi-tôilette de cour* no peristylo da escada principal, conduzindo-a logo aos seus proprios aposentos onde estava um refresco magnificamente servido. Insistiu cortezmente para que Madame d'Abrantes e mais pessoas presentes se servissem do seu almoço, e a animação com que fallava teria indicadô um espirito satisfeito com a sua sorte, se as rapidas mudanças de sua fisionomia não revelassem assaz o estado de sua alma: ora córava excessivamente, ora empallescencia como se houvesse perdido o alento.

A tarde passou-se n'um passeio de carruagem na selva de Bondy, durante o qual a princeza fez o que pôde para se mostrar satisfeita de quanto faziam para lhe agradar. Vinha depois um ponto não menos importante qual era o do vestido e enfeites da princeza n'uma occasião que a duqueza d'Abrantes achava ser tão solemne; esperava esta ansiosamente pela princeza quando ella appareceu no salão antes do jantar. Podem imaginar a sua admiração quando viu a augusta noiva entrar trajada n'um estylo de magnificencia antiquada que podia ter ficado bem á sua avó, mas que de modo nenhum convinha á côrte das Tuileries em 1807. Apesar d'esta desvantagem o todo da princeza agradava; extremamente clara a sua linda côr, magnifico cabello loiro e bellos olhos azues harmonisavam com a elegancia e dignidade de sua cabeça: entrou na sala com o ar de uma perfeita soberana. No intervallo antes de ir para a mesa, a perturbação de Catharina tornou-se tão evidente que a duqueza ousou perguntar se alguma coisa tinha desgostado sua alteza real. Em resposta a isto, Catharina mostrou o desejo de ser prevenida alguns instantes primeiro que chegasse Jeronymo, afim de estar preparada para lhe sair ao encontro. Assim se concordou, e em quanto a princeza agradecia a Madame d'Abrantes a

promptidão com que a absequiava «o rubor de suas faces não revelava um sentimento amavel, mas sim a acerba dôr que pôde compungir o coração de uma mulher desditosa.»

«O jantar,» continua Madame d'Abrantes, «foi triste, para não dizer peor. Via-se que a princeza estava cheia de cuidado. Tendo-se-lhe perguntado por duas vezes o que preferia, se tomar o café e a neve no *parc*, ou no grande salão, pareceu de repente entrar em si, e olhando para mim como se tivesse apenas entrado no sentido da minha pergunta, respondeu : «como quizer.»

«Levantamo-nos da meza ás seis horas e meia, e anciosa para satisfazer os desejos da princeza, tomei informações a respeito da vinda de Jeronymo. No mesmo instante avistou-se uma nuvem de poeira em direcção da estrada de Paris, e muitas carroagens entraram na avenida dos Alamos.»

«Apressei-me em informar a princeza que d'ahi a poucos instantes o principe estaria na sua presença. Esforçando-se para sorrir, agradeceu-me muito, mas realmente o seu aspecto assustou-me porque mudava de côr a cada instante. Comtudo, chamando a si toda a sua coragem, a princeza levantou-se, e acompanhada por uma dama de sua comitiva, foi para o grande salão, onde esperou a vinda do principe Jeronymo. Esta casa communica por cada extremidade com as salas de musica e de bilhar, das quaes é unicamente separada por columnas, de fôrma que nós que estavamos reunidos na sala de bilhar presenceavamos tudo quanto se fazia no salão central.

«Catharina de Wurtemberg sentou-se ao pé do fogão, tendo ao seu lado uma cadeira de braços destinada para o principe. Abriu-se a porta da sala de musica e Jeronymo separando-se dos officiaes de sua casa que ficaram fóra, entrou só para a sala aonde Catharina o esperava. Levantando-se ella deu um ou dois passos ao seu encontro e cortejou-o com elegancia e dignidade. Em quanto a Jeronymo não pôde haver nada mais tosco do que o seu todo; bem mostrava que estava ali contrafeito. Approximou-se da princeza de um modo precipitado para não dizer incivil. Depois de terem dito algumas palavras a princeza apontou para a cadeira que estava ao seu lado, e conversaram um pouco a respeito da sua jornada. De repente Jeronymo levantou-se e disse-lhe em perfeito estylo de burguez : «Meu irmão está á nossa espera, e eu não o quero privar mais tempo do prazer que elle ha de experimentar ao recebê-la como sua irmã.» A princeza sorriu-se fazendo uma inclinação de cabeça, e Jeronymo tinha apenas sahido, quando perdeu completamente os sentidos. Levamo-la ao pé da janella aberta, e banhou-se-lhe as fontes com agua de colonia. D'ahi a pouco tornou a si, e attribuiu a sua indisposição ao excessivo calor; mas eu comprehendí de mais a terrivel luta que se passava entre a delicadeza da donzella

e o orgulho da princeza no coração da misera Catharina, para não adivinhar o verdadeiro motivo de seu desmaio.»

Quando M.^{mo} Junot preveniu a princeza que a comitiva a esperava, ella levantou-se agradecendo-lhe do modo mais lisongeiro a hospitalidade.

Como não estaria a alma da pobre Catharina durante este passeio ao fim do dia desde Raincy até Paris, pensando no triste porvir que a esperava?! Foi o que nunca ninguém soube. Quando chegou ao paço das Tuilerias, achou toda a familia imperial reunida para a receber. O imperador esperava-a na escada principal e como a princeza quiz ajoelhar e beijar-lhe a mão, elle apressou-se em levantá-la, e depois de a ter abraçado, levou-a para a sala do throno onde a apresentou como irmã e filha á sua familia reunida.

A princeza foi immediatamente rodeada, recebendo os maiores afagos, e d'ahi em diante foi considerada como irmã do imperador.

Taes foram as primeiras scenas da vida nupcial de Catharina de Wurtemberg. Não custará a crer, que pela continuação ella pizasse mais abrólhos do que flores! Obrigada a dar sua mão a um homem que naturalmente lhe repugnava, como sendo o esposo de outrem, a infeliz rainha de Westphalia nem sequer gozava da triste satisfação de ser tratada com respeito pelo seu real consorte. Passou por muitas humiliações em Cassel sem nunca se queixar. Os unicos momentos de ventura que ella sentiu durante sua vida de soberana, eram aquelles em que acariciava seus filhos, apesar que o nome de Napoleão, que tinham dado ao seu primogenito, ferisse muitas vezes o seu coração por ser o d'aquelle que, com sua insaciavel ambição, tinha murchado toda a sua existencia ao despontar da aurora.

Foi correndo o tempo. Passaram os annos de 1814 — 15 tão cheios de acontecimentos. Napoleão tinha cahido, e essas dynastias modernas que floreceram bafejadas pelo seu poder, iam perecendo rapidamente á sombra da Santa Alliança.

A rainha de Westphalia tinha procurado um refugio, com seus filhos, ao pé de seu pai. Jeronymo foi reunir-se a seu irmão Napoleão quando este voltou da ilha d'Elba, e trazendo sempre comsigo todas as insignias da realza, esperava que em pouco tempo poderia outra vez apparecer com ellas em publico. O desengano não tardou, e por occasião da evacuação de Paris, retirou-se com o exercito do Loire. Sua situação tornando-se cada vez mais critica, achou-se feliz accetando um asylo no castello de Douy, que pertencia ao famoso financeiro Ouvrard. Jeronymo via-se obrigado a ficar retirado nos seus aposentos em consequencia dos militares que estavam frequentemente aquartelados no castello. Um dia, em que estava entregue ao aborrecimento, o ex-monarcha tirou de um bahú seus mantos reaes e as bri-

lhantes condecorações que lhe foram concedidas n'outros tempos, e revestiu-se com todo o aparato de um rei; tinha apenas acabado quando a porta do quarto se abriu e entrou M. Ouvrard. O prudente financeiro ficou pasmado de tão grande acto de importancia da parte de seu hospede, e receando que a repetição de semelhante loucura involvesse a familia em algum grande desgosto politico, instou com Jeronymo para que não demorasse mais tempo sua fuga de França. Em vista d'isto, no outro dia, de madrugada, o rei deposto estava em caminho para a fronteira de leste, passando rapidamente depois para Stuttgart, onde, entrando occultamente no paço de seu sogro, supplicou a sua esposa que fosse bem recebido no lugar em que ella tinha nascido. A princeza, que não tinha mais nada a peito que a posição desgraçada de seu marido, franqueou-lhe de coração o seu aposento.

A noticia d'esta chegada foi depressa ao conhecimento do rei de Wurtemberg que se achava na situação de se recusar a qualquer comunicação com um membro da familia Bonaparte; e logo no dia seguinte intimou a ex-rainha para que seu marido sahisse immediatamente do paço, visto não poder consentir ahí ninguem d'essa familia proscripta, dando-lhe ao mesmo tempo por exemplo Maria Luiza, que tinha consentido em separar-se de Napoleão. Fez-lhe saber igualmente que queria ter uma entrevista com sua filha afim de lhe indicar mais amplamente quaes eram os seus desejos. No mesmo instante a princeza-real dirigiu uma resposta a seu pai, que deve ficar nos annaes de todos os povos que tributam á mulher culto de respeito e de amor! Segue-se a carta:

«Senhor — Vossa Magestade mandou que fosse esta [manhã á sua real presença. Pela primeira vez da minha vida recusei a grande dita de obedecer ás vossas ordens.

Estando ao facto do assumpto da entrevista pedida, e receando que o meu espirito não estivesse sufficientemente socegado para tractar d'elle, ousou aqui expôr os motivos de minha conducta, appellando para o vosso affecto.

Vossa Magestade tem sido bem informado. Sim, Senhor, o principe Jeronymo, vosso genro, meu esposo e o pai de meus filhos, está comigo. Eu recebi-o de duas augustas mãos quando sua familia reinava toda poderosa sobre muitos reinos, e quando uma corôa cingia sua propria fronte.

Os laços que foram primeiro impostos por rasões politicas, têm sido ulteriormente fortificados e confirmados pelos sentimentos do meu proprio coração, e muito mais charo me é hoje em dia o meu marido na hora de sua desventura, que elle nunca o foi no auge de seu poder e de sua prosperidade. O matrimonio e a natureza impõem deveres que estão fora do alcance das vicissitudes da fortuna. Conheço per-

feitamente toda a importancia d'estes deveres, e desejo executal-os. Eu deixei de ser rainha, mas nunca de ser esposa e mãe. Posto que elevados pela sorte acima dos outros homens, muitas vezes somos mais dignos de commiseração. Uma vontade contraria á nossa póde influir sobre o nosso destino, mas ahí pára o seu poder, porque de nenhuma fórma póde ella affectar as obrigações que a Divina Providencia nos tem imposto. O esposo que me foi dado por Deus e por Vossa Magestade, o filho a quem eu dei a existencia, esses fazem parte do meu proprio ser.

Com este esposo eu partilhei um throno, com elle saberei partilhar o exilio e a desgraça. A violencia só me poderá separar d'elle. Mas oh! meu pai e meu Soberano! conheço vossa alma, vossa justiça e a rectidão de vossos principios; sei qual tem sido sempre o vosso pensar a respeito de vinculos domesticos. Eu não peço a Vossa Magestade que por affecto á minha pessoa haja qualquer mudança na linha de conducta que tiverdes adoptado conforme á determinação dos mais poderosos soberanos da Europa, só peço ficar com meu marido ao pé de Vossa Magestade.

Comtudo, meu pai e meu Soberano! se esta mercê me fôr recusada, que nos seja permittido, antes de nos retirarmos para um paiz estrangeiro, ter a consciencia que Vossa Magestade nos considera ainda com affecto. Sem uma prova qualquer de amor, como terei eu coragem para apparecer na presença de Vossa Magestade?! Se temos de partir já, seja ao menos levando a certeza de vossa amizade no presente, com a esperanza de vossa protecção em tempos mais propicios. É para suppôr que nossas desgraças tenham fim um dia. A Europa não quererá sempre a nossa humiliação, nem sempre achará deleite na decadencias de principes, reconhecidos por tratados existentes, e que contrahiram allianças com as côrtes mais antigas e mais illustres da Europa. Elles não misturaram o seu sangue com o nosso? Perdão, meu pai e meu soberano, por me ter expressado d'esta fórma, e que me seja dado conhecer que esta carta não mereceu o desagrado de Vossa Magestade.

Accredita-me etc.

Catharina.

Custa a crer que uma carta tão nobre e tão tocante deixasse de fazer impressão no coração de um pai; mas as razões politicas soavam mais alto no peito do monarcha do que a doce voz do affecto.

A princeza de Wurtemberg, em companhia de seu marido e de seu filho, viu-se forçada a deixar a patria que lhe era tão chara! Refu-

giaram-se nos Estados da Igreja, onde viveram muitos annos com o titulo de Duques de Montfort.

Escolheram uma residencia no campo chamado *Cassino Azzolino*, junto ao rio Izento, que fórma um dos limites dos estados pontificios e napolitanos. Mesmo assim elles não poderam escapar ás humiliações a que estava exposta a familia dos Bonapartes. O rei de Napoles tinha-lhes prohibido a entrada nos seus dominios e com tanta severidade, que uma sobrinha de Jeronymo, a joven condessa Conurata tendo appetecido atravessar o Izento afim de dar um passeio a cavallo no territorio napolitano, ia sendo agarrada pelos soldados que guardavam a ponte; a joven e fogosa condessa reclamou com indignação contra este attentado á sua liberdade, dizendo com energia:

«A sobrinha de *Napoleão*» e carregou sobre esta palavra, «a sobrinha de *Napoleão* não recebe leis quando se tracta de seus passeios, e não é vassalla de soberano algum.»

Os Duques de Montfort applicaram difficilmente a ira d'esta senhora, provando-lhe a necessidade de se sujeitarem á restricção pouco generosa, imposta pelo rei de Napoles.

Em quanto a Catharina de Wurtemberg ella seguiu sempre a mesma marcha, trilhando sempre a vereda do amor e do dever, até o fim de seus dias. Não se sabe quaes foram as sensações de seu pai quando soube que ella tinha fallecido no desterro. Fossem quaes fossem, a memoria de Catharina de Wurtemberg vive ainda fresca em muitos corações, e ainda que ella não chegasse a vér realisada a esperança de que falla a sua carta, comtudo seus filhos gozaram da inappreciavel ventura de se verem restaurados a seu paiz, tomando parte nas honras imperiaes que tornaram a ser a partilha da familia de *Napoleão* o grande.

É quasi desnecessario dizer que o principe *Napoleão* e a princeza *Mathilde* são os unicos descendentes d'esta nobre senhora.

Póde haver, ou póde desejar-se, uma honra maior, do que a de serem filhos de uma mãe semelhante?

Não ha muito tempo que uma urna contendo o coração da ex-rainha de Westphalia, foi depositada no tumulo do imperador *Napoleão*, nos Invalidos.

D. CATHARINA ALVARES D'ANDRADA.

AS CORVETAS BARTHOLOMEU DIAS E SAGRES

Damos hoje uma estampa representando as corvetas de guerra portuguezas a vapor, *Bartholomeu Dias* e *Sagres*, na occasião de saírem para Tanger, commandadas por Sua Alteza o Sereníssimo Infante D. Luiz. O desenho dá perfeita idéa d'estes dois elegantes barcos, principalmente do *Bartholomeu Dias* que se vê de costado. Com quanto não seja uma embarcação propriamente de guerra, pois que de veleiro *cliper* foi transformado em corveta de systema mixto, para trazer a Portugal a Rainha D. Estephania, de saudosissima memoria, o alludido navio tem optimas qualidades, entre as quaes sobresáe a grande andadura, e excellentes accommodações, não só para a sua tripulação, mas para transportar tropas ou outros quaesquer passageiros. A corveta *Bartholomeu Dias* vae de viagem para Angola, tendo saído de Lisboa no dia 1 de Agosto, ainda sob o-commando de Sua Alteza o Duque do Porto. A *Sagres*, construida especialmente para *aviso*, não tem as melhores qualidades nauticas, e é por tanto de pouca utilidade para a marinha de guerra portugueza; todavia o seu casco é muito elegante e maestrá garbosamente. Estes e os dois vapores *D. Estephania* e *D. Maria Anna*, constituem o nucleo da moderna armada de Portugal, começada pelos esforços do visconde de Sá da Bandeira.



Pedroso des. e grav em mad.

AS CORVETAS BARTHOLOMEU DIAS E SAGRES

Imprimé par les frères Lallemant.

Largando para Tanger, commandadas por S. A. o Serenissimo Senhor Infante D. Luiz.



A LIGA DAS ALFANDEGAS PENINSULARES

IV

As restricções fiscaes, impostas pela lei das alfandegas ao commercio da fronteira, prejudiciaes em si mesmo, por serem anti-economicas, são ainda perniciosas na sua inexequibilidade, porque não servem senão para entreter e animar o contrabando com todas as suas deploraveis consequencias; e, como todas as leis que contrariam a ordem natural da sociedade, geram em ultimo resultado maiores danos do que proveitos. É isto o que ficou plenamente demonstrado no artigo antecedente. Vejamos agora se, em relação á fronteira hispano-portugueza, será possível sair d'esta desastrosa e insustentavel posição.

Ponhamos de parte, por em quanto, a discussão das theorias da sciencia economica, e escutemos quaesquer alvitres que se possam apresentar como efficazes, para resolver a questão de um modo puramente pratico. Parece-nos que só dois podem ser propostos: 1.º reforçar os meios de fiscalisação, a ponto de tornar exequivel a lei: 2.º reformar esta ultima, supprimindo as restricções commerciaes relativamente á Hespanha, isto é, tornando completamente livre o commercio com aquelle paiz.

O primeiro, puramente fiscal, se não é, absolutamente fallando, impossivel, é todavia impraticavel, porque exige despeza por tal fórma superior ás forças do estado, que nenhum governo sizudo se atreverá de boa fé a propol-o, e muito menos a ensaiar a sua realisação.

Se, como já mostramos, a fiscalisação da alfandega municipal

de Lisboa (em todo o caso insufficiente) emprega 330 individuos dos quaes 184 são puramente guardas, além dos auxiliares, que lhe fornece a guarnição militar da cidade, e faz uma despeza superior a 48 contos de réis, só para guardar a linha que circunda Lisboa, não será exaggerado o suppor que, para uma fiscalisação regular de 840 kilometros de raia aberta, sem muro de circumvalação nem estrada de ronda, serão necessarios dez mil homens de infantaria e cavallaria, escolhidos, disciplinados e bem pagos, exigindo por consequente uma despeza aterradora e insustentavel no orçamento do estado.

É isto tão claro e evidente que nos não parece necessario, para o fazer acceitar sem replica, mais do que apontar para a linha da raia, traçada sobre uma carta, medir a sua extensão, e dividil-a em tantas partes quantas fôr necessario para que cada uma d'ellas possa efficazmente ser vigiada e guardada por um homem, ou por uma força que se adopte como unidade; e escusado é notar que, n'esta defeza fiscal da fronteira, não regulam os principios da estrategea militar, porque não temos a guardal-a contra os ataques de forças regulares, que operam por grandes massas, e cujos movimentos se podem até certo ponto prever e prevenir, mas pelo contrario não devemos precaver contra um inimigo occulto e astucioso que toma todas as formas imaginaveis, e recorre a todos os artificios para atravessar desapercibido as barreiras que se lhe oppõe.

Regeitemos, portanto, como impraticavel, o pensamento de reforçar a fiscalisação da raia, visto que esta se não póde fazer completa e que, não satisfazendo a esta condicção, não póde responder ao fim a que se propõe. E ainda bem que assim é, porque a adopção de um tal meio, mesmo que fosse praticavel, não traria outro resultado senão o de contrariar as necessidades economicas das povoações limitrofes, e o de obstar por consequente ao desenvolvimento da sua riqueza e prosperidade. N'este ponto, como em todos os mais, a experiencia tem mostrado, em todos os paizes e em todas as idades, que nada é mais prejudicial á vida das sociedades do que pôr obstaculos ao desenvolvimento natural da civilisação.

Ainda que não fosse senão por exclusão de partes, ficavamos d'este modo limitados a considerar unicamente o segundo alvitre, que é justamente aquelle que a razão despreoccupada e a sciencia economica nos aconselham; isto é a reforma, que tem por base essencial a supressão completa de todas as restricções fiscaes, e que equivalle pela nossa parte, a instituir a inteira liberdade de admissão para todas as mercadorias hespanholas.

Póde esta realizar-se; ou por meio de uma convenção com o governo do reino visinho, á similhaça do tratado do *Zollverein* que liga commercialmente os diversos estados de Allemanha; ou pela simples supressão das nossas alfandegas da raia, independentemente de qualquer systema que a Hespanha queira adoptar, e que nos collocaria a seu respeito nas mesmas condicções em que se acha a Suissa para com todos os seus visinhos.

Somos partidarios da Liga; mas, em ultimo recurso, quando a Hespanha se recusasse a esta associaçaõ, parece-nos mais razoavel supprimir as alfandegas da raia, do que manter uma illusão prejudicial debaixo de tantos pontos de vista, tornando-nos responsaveis não só pela desmoralisaçaõ proveniente do contrabando, mas tambem pelo entorpecimento moral e material de tantas povoações que só esperam para entrar no caminho da civilisaçaõ, que lhes permittam commerciar livremente com os seus visinhos.

Ignoramos ainda se a idéa da liga das alfandegas peninsulares tem serios adversarios, por que entre nós apenas se tem enunciado a questãõ, e no reino visinho a maior parte dos publicistas, que d'este objecto se têm occupado, apresentam diariamente as manifestações mais favoraveis e entusiasticas a favor da união commercial dos dois povos. Não temos por conseguinte argumentos que combater; mas esta circumstancias não nos dispensa de discutir a questãõ, imaginando as razões que se podem oppôr para rejeitar as nossas idéas.

Todas as alteraões no regimen commercial affectam principalmente dois pontos essenciaes: o rendimento do estado, ou a producçaõ nacional. Póde por conseguinte reccar-se que a liga das alfandegas, de que nos occupamos, produza uma diminuiçaõ na receita publica, o que seria presentemente um grande mal, ou cause notavel perturbaçaõ na vida das industrias protegidas, comprehendendo tambem entre ellas a agricultura. Devemos portanto examinar a influencia que a liga póde exercer sobre estes dois pontos capitaes—rendimento do estado, e producçaõ nacional.

Sendo a liga das alfandegas, tal como a devemos suppôr, um tratado commercial espontaneamente celebrado entre duas nações independentes e amigas e devendo effectuar-se em paz e completa segurança de ambas as partes, é bem claro que devem presidir á sua redacçaõ plena boa fé, mutua e reciproca conveniencia para que as vantagens sejam reciprocas e duradouras. N'este presupposto, procuremos examinar, livres de todas as preoccupaões, a questãõ, separando, como convém, a parte fiscal da parte proteccionista, e por esta começaremos.

Não somos nós d'aquelles que consideram a protecção como erro economico em todas as épocas e em todos os paizes. A protecção é um facto da ordem moral, necessario ao progresso dos individuos e das nações em certas épocas e em circumstancias determinadas, que seria imprudente e até barbaro condemnar de um modo absoluto, por que da sua abstenção poderiam resultar a atrophia moral, a inanição e a morte das sociedades a quem ella póde dar alento e força para encetar e continuar o trabalho a que Deus as destinou. A geração actual não póde ser responsavel pelos erros das gerações que a precederam. Se a humanidade caminha hoje desembaraçada, altiva e victoriosa pela estrada do progresso, como um exercito formidavel que prosegue, de triumpho em triumpho, na conquista da civilisação, os povos de que se compõe este grande exercito, nem todos marcham na frente, nem todos se podem achar com a mesma robustez e da mesma sorte apparelhados para o combate. Alguns, tomados do cansasso, extenuados e oppressos pela fadiga em que os deixaram mortíferas luctas, parece que caíram desalentados e desesperaram de seguir os companheiros na laboriosa empreza que a todos fóra commettida nos decretos da Providencia. Para estes a protecção é necessaria. Assim como o cidadão virtuoso faz muitas vezes grandes sacrificios e se submete a voluntarias privações para completar a educação de seus filhos, assim tambem uma nação deve, por todos os modos e a todo o custo, promover a creação da industria, fortalecer e animar os que trabalham no augmento da riqueza publica,

Qual seja a fórma que essa protecção deva revestir; quaes sejam os meios que o estado deva empregar para crear, alentar; e fortalecer o trabalho nacional, augmentando a producção util, é á economia politica que compete investigar. O que é incontestavel, o que a experiencia de muitos povos, e a razão despreoccupada nos mostra é que, para a creação e desenvolvimento do trabalho industrial e civilizador de uma nação não bastam só os dados materiaes, braços e capital, que alguns economistas julgam unicamente indispensaveis. É necessario mais alguma coisa que pertence á cathgoria dos factos moraes; a educação, a instrucção, as boas leis e o espirito publico.

O principio protector actuando sobre estes factos em justa medida auxilia os progressos da civilisação, creando o trabalho pelo estimulo, dirigindo-o pela aptidão, e fortalecendo-o pela esperanza.

(Continúa.)

J. PIMENTEL.

AMOSTRA DE UMA TRADUÇÃO
DA
ARTE DE AMAR, DE OVIDIO,

VERSO A VERSO,

PELO

Sr. Antonio Feliciano de Castilho.



Principio do Canto II.

Viva e reviva Apollo, o pai dos caçadores!
Caiu em nossa rede a caça dos amores.

Amantes, palma verde em minha frente quero:
fortunei-vos. A Ascreu desbanco, excedo Homero.

Tal-velejava ufano o que trazendo vinha
desde Amiclas guerreira a Troia uma rainha;
tal rodava soberbo, o que a seu peito unia
no fugitivo coche a bella Hippodamia

Mas devagar, mancebo; o teu baixel, por ora,
vai por meia derrota, e longe o porto mora.
Fiz, com que a tua amada achasses, e a possuas;
resta que ella não quebre essas cadeias tuas.

Quem guarda, a quem conquista excede em preeminencia;
o vencer, é fortuna; o conservar, sciencia.

Venus, Cupido, Erato (oh nome a Amor tão caro!)
agora, mais que nunca, imploro o vosso amparo.

Grandes coisas projecto; eu cantarei, de que arte
se captiva este Amor fugaz por toda a parte.
Tem azas, voa sempre; é sua a redondeza;
sujeital-o a prisões não é mui leve empreza.

Por Minos clausurado em cego labirinto,
voa Dédalo aos céos escapo ao vão recinto.

Mal Dédalo findára o carcere exigido
para o monstro homem-boi, de infando amor nascido
quando — «Ó Minos — exclama —» invoco-te a justiça;
«morrer alfim na patria um exule cubiça,
«Já que onde tive o berço, a negra desventura
«viver me denegou, me outorgue a sepultura.
«Se te não does do pai, do filho tem piedade;
«se não olhas á infancia, olha á propecta idade!»

Tudo isto, e muito mais, que d'alma lhe saía,
não lhe obtinha de El-Rei o indulto que pedia.
—«Minos teima... pois bem; Dédalo eu sou. Já tenho
«com que provar-lhe—diz—ser mais que reis o ingenho.
«Elle possui a terra; elle domina os mares;
«vedam-me ondas e solo accesso aos patrios lares;
«restam-me ainda os céos; aos céos demando estrada.
«Perdoa, ó Jove summo, a empreza abalançada!
«Não me intento ingolfar pelo sidereo assento;
«de um barbaro oppressor furtar-me ao jugo intento.
«Franqueassem-me a Estyge, eu a cortára a nado;
«sou homem, vou alçar-me a viajante alado.
«Mil vezes de invenções és mãe, adversidade;
«transporei (quem o crêra!) a etherea immensidade.»

Tem visto aves vogar nas regiões serenas;
ata com leve fio encarreiradas pennas;
pela parte inferior com branda cêra as trava;
a grande arte é nascida. Em quanto assim lidava,
brinca o filho co'a cêra e as plumas, sem assombros,
sem saber que azas taes adornarão seus hombros.

—«Aqui está—diz o pai—» o barco aventureiro
«que nos vai, filho meu, salvar do captiveiro.
«Minos vedou-nos tudo; a terra, mais os mares;
«só ares nos deixou; lancemo-nos aos ares.
«Cuidado em não mirar, nem Ursa, nem Boieiro,
«nem Orion, o da espada. Eu voarei primeiro.
«Toma, as azas inverga imita-me; confia;
«segue sempre a teu pai levas seguro guia.
«Se lá muito por cima ousassemos caminho,
«como resistiria a cera ao sol visinho?
«e se ao revez, por medo, á flor do mar se baixa,
«a humanidade lá está que as plumas nos relaxa.
«É preciso adejar por entre os dois extremos.
«Tambem no vento ha p'rigo; ao seu sabôr voemos.»

Com taes explicações lhe ensina, entre carinhos,
 O modo de voar, como ave aos seus filhinhos.
 Ao filho preparou: veste a plumagem sua;
 ensaia-se: oh prazer! libra-se, no ar fluctua!
 Vão finalmente alar-se! e vão fugir!! que instante!
 Beija o seu pequenino involto em choro amante.

Da c'roa de um oiteiro aos campos sublimada
 um traz outro se atira á fuga malfadada.
 Vai Dédalo voando, e o vôo reprimindo,
 e olhando sempre atraz, se o filho o vem seguindo.
 Já voar lhes dá gosto. Icaro já sem medo,
 crê de mais na arte nova, alteia o rumo. Quedo
 ficou sobre uma penha, immoto o anzol e o braço,
 pescador que jámais viu coisa assim no espaço!
 Samos, Naxos, á sestra, esfogem de corrida.
 Paros, Delos, a ilha ao Clario deus querida.
 Jaz Labyrinthos á dextra, e Calymno, a selvoza,
 e Astypaléa em vãos de, em torno tão piscosa.
 O mocinho (oh! da infancia improvida ousadia!)
 ergue o vôo mais alto e desampara o guia.
 Soltam-se-lhe as prisões; a cera ao sol gotteja;
 por mais que os braços mova, ar já não ha que o reja.
 Vê-se no alto dos céos, incherga o mar profundo;
 o pavor o domina e se lhe enoita o mundo.
 Cera e plumas, adeus! as mãos em vão sacode;
 barafusta (oh! pavor!) quer se aguentar.... não póde;
 Vem de chofre a gritar: — «Pai! Pai! cá sou levado!»
 O mar no avaro bojo emudeceu-lhe o brado.
 O desditoso pai (nem já pai) — «Filho — grita
 — «meu Icaro, onde estás? em que céos! que desdita!
 Icaro!» — E as plumas vê boiar em quanto o chama.

Jaz hoje o moço em terra, o mar guardou-lhe a fama.

Nem Minos vôos prende a um homem nado implume;
 e eu asdiro a reter um voador que é nume.

.....

CHRONICA

Toda a imprensa tem sido unanime em proclamar o relevante serviço que o Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos prestou ao seu paiz, com a publicação do bello livro intitulado *Le Portugal et la Maison de Bragançe*. Era pois dever nosso consignar igualmente tão eminente serviço n'estas paginas.

Le Portugal et la Maison de Bragançe, é uma obra que não só mereceu honroso acolhimento entre nós, mas que tambem conquistou geraes louvores da imprensa estrangeira. Basta isto para tornar incontestavel a sua valia.

A apreciação d'este livro não cabe nas paginas de uma chrônica, nem é para o nosso pulso fazel-a. Nomes mais authorisados e pennas mais competentes apprehenderam já essa tarefa. Da nossa parte limitar-nos-hemos a esboçar rapida e singelamente a impressão que nos deixou a sua leitura.

Em toda a obra mostra o auctor perfeito e seguro conhecimento das nossas coisas e dos nossos homens. Vê-se, que mesmo longe da sua terra, pensava continuamente n'ella, e acompanhava-a nos seus acontecimentos politicos e litterarios. Versado em tudo, tudo julgava devidamente. Ha firmeza e vigor nos traços que desenharam os homens que tem sabido elevar-se, pelas suas obras n'este paiz. Ha verdade na analyse geral dos acontecimentos. Ha consciencia na averiguação dos factos.

O estylo é corrente e facil, augmentando-lhe todavia o realce o ser n'uma lingua que não é a do auctor. Para este justificar o subido merecimento que o distingue, basta ver como venceu esta difficuldade. O commettimento era grande; mas o talento do escriptor estava á sua altura. Realizando porém esse commettimento o Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos conseguiu dois excellentes resultados: alargar a sua reputação com um trabalho digno do seu

nome; tornar conhecidas lá fóra as principaes illustrações do seu paiz, riscando-lhes os perfis n'uma lingua que é hoje universal.

E não pára aqui o empenho de ser util á terra que lheu o berço.

Encetou outra publicação, mais modesta, mas tambem de muito interesse: são os *Livrinhos para o povo*. Apareceram já dois, o *Sampaio da Revolução*, e a *Fundação da monarchia*. Ambos obtiveram o mais lisongeiro exito, sendo extremamente procurados e tendo uma extracção pouco vulgar no nosso paiz.

Agora está no prélo e deve sahir brevemente a lume *A mania de ir para o Brazil*. Logo o titulo chama deveras a attenção, e para abonar que a obra lhe ha de corresponder lá estão as duas já publicadas.

Mais algumas novas litterarias temos para annunciar n'esta chronica. Em primeiro logar duas traducções primorosas e dignas em tudo da primeira scena nacional: uma é do drama *Carlos VII*, pelo Sr. Rebello da Silva; a outra da *Judith*, pelo Sr. Mendes Leal.

Tambem consta que o governo encarregára ao sr. Latino Coelho de escrever a *Historia do Cerco do Porto*, e ao sr. Joaquim da Costa Cascaes, a *Historia da Guerra Peninsular*. Ha muito a esperar de ambos os historiadores. Admiraveis paginas hão de ser as do livro do sr. Latino Coelho, que reúne a uma notavel illustração o mais brilhante estylo. Valiosas hão de ser as do sr. Cascaes, que é tão consciencioso escriptor como habil investigador.

Ainda nos resta mais um acontecimento litterario para mencionar. Mas este teve logar na *Revista Contemporanea*, e o numero que hoje apresentamos aos nossos assignantes. É provavel, é até certo, que já o festejassem antes de nós lh'o indicar-m'os. Que importa! Para os nossos leitores foi um prazer inesperado; para nós é mais, é uma divida honrosa que nos cumpre pagar. Se aquelles lhe tecem os louvores merecidos, nós antes dos louvores, temos a tributar-lhe agradecimentos. Receba-os pois, M.^{me} Andrada que nos penhorou deveras com a sua tão valiosa dadiwa litteraria. Demais o nome da auctora de *Uma rainha do seculo XIX*, é já conhecido da nossa litteratura, e foi n'outro tempo muito querido e estimado da nossa sociedade. A sua reaparição deve portanto só avivar recordações, porque é sabido que tamanha ausencia deixou bastantes saudades. No elegante jornal *L'Abeille*, que M.^{me} Andrada fundou e illustrou com a sua espirituosa collaboração está á prova do que deixamos dito.

Enche-nos de orgulho que fosse o nosso jornal que despertasse na illustre escriptora o desejo de voltar a proseguir na carreira que tão brilhantemente encetou. É mais uma gloria que cabe á *Revista Contemporanea*, para juntar a outras que se ufana de haver alcançado. E senão, vejam. Mereceu do regio artista o grandioso patrocínio de a illustrar com as suas gravuras; conseguiu que as nossas primeiras reputações litterarias a enriquecessem com a sua collaboração; e obteve dos nossos melhores artistas que a realçassem com os seus trabalhos. Faltava-lhe unicamente esta ultima distincção, e foi-lhe concedida por M.^{me} Andrada. O publico tambem se empenhou em coadjuval-a, e a prova é que dos primeiros volumes poucos exemplares existem, tornando brevemente necessaria a reimpressão.

Era a esta recompensa que aspiravam os fundadores da *Revista Contemporanea*, e vêem hoje que tiveram a fortuna de a conseguir. Pagos, e bem

pagos, se julgam com isto de todos os sacrificios e esforços que tem continuamente empregado para satisfazer ao programma que o seu distincto collaborador Rebello da Silva traçou na introdução d'este jornal.

«O verdadeiro prologo de um jornal, como a *Revista Contemporanea*, escreveu o illustre academico, é o primeiro anno da sua publicação. Se construiu com elementos duraveis, o alicerce supporta a edificação, e a obra principia a avultar; se errou as proporções, se não fundou em terreno firme, se adormeceu, nas horas da vigilancia, o menor sopro a sepultará entre ruinas.»

Ahi está o primeiro volume para attestar que a direcção reconheceu a justeza e valor do conselho.

Cintra tem estado animadissima. As festas ali seguem-se e multiplicam-se como por encanto. Dança-se de manhã, dança-se de tarde, e dança-se á noite. É um motu-continuo de walsas, de lanceiros e de polkas. De manhã ha almoço-dançante, de tarde jantar-dançante, á noute chá-dançante. Se M.^{me} Ortega dá o almoço no *Victor*, dá M.^{me} Kruz Brito do Rio o jantar, e depois dão todos o chá no club. No dia seguinte acontece o mesmo. A differença está então em que dão todos o almoço na Pena; M.^{me} Ortega o jantar no *Victor*; e M.^{mo} Brito do Rio o chá no seu salão.

E digam lá que a nossa Sociedade não é extremamente bucolica! Pois não é uma prova esta vida que passa em Cintra.

Principia já a ser assumpto de conversação para os mais entusiastas dilectantes de S. Carlos, a futura epocha theatral. Os jornaes italianos e francezes são por elles procurados e lidos para formularem o seu juizo sobre os cantores. O que leu nma diatribe á prima-dona no *Pirata* affirma logo que é pessima; o que deparou com um elogio á mesma no *Courrier des théâtres*, assegura que é uma maravilha. Ora semelhantes contradicções são tão vulgares nas folhas estrangeiras como nas nossas. Formar juizo por este meio é quasi impossivel. Tão depressa se encontra um diploma de celebridade como se acha um attestado de medioeridade. Cá e lá más fadas ha.

Por isso nós limitamo-nos a publicar o elenco da companhia, e reservamos todo e qualquer juizo para depois de a ouvirmos. Eil-o:

A sr.^a Gazzaniga primeira dama de alto cartello; a sr.^a kanneth, primeira dama de cartello; a sr.^a Hensler, primeira dama absoluta; a sr.^a Galli Marie, primeira dama contralto musicheto; o sr. Agresti, primeiro tenor de cartello; o sr. Neri-Baraldi, primeiro tenor de cartello; o sr. Eurico Fagotti, primeiro barytono absoluto; o sr. Giovanni Antonucci, primeiro baixo absoluto; o sr. A. Celestino, primeiro barytono supplemento.

Titulos não faltam... para justificar.

ERNESTO BIESTER